

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**A MATERNIDADE COMO OPÇÃO: UM OLHAR SOBRE MULHERES QUE NÃO
DESEJAM SER MÃES**

**Autora: Leidiany Francielle Franck
Orientadora: Me. Valéria Melki Busin**

JUÍNA/2014

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

**A MATERNIDADE COMO OPÇÃO: UM OLHAR SOBRE MULHERES QUE NÃO
DESEJAM SER MÃES**

Autora: Leidiany Francielle Franck
Orientadora: Valéria Melki Busin

“Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Psicologia, do Instituto de Educação Superior do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.”

JUÍNA/2014

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.^a Nádie Christina Ferreira Machado Spence

Prof. Esp. Josimara Diolina Ferreira

Prof. Me. Valéria Melki Busin
ORIENTADORA

*Dedico à minha família, que tantas vezes
são meus amigos. Aos meus amigos, que
tantas vezes são minha família.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus pela vida, e pela força que me move a cada dia, pelas conquistas que, com sua graça tem me proporcionado. À minha família, em especial a minha mãe, Lenir Terezinha Franck e aos meus irmãos, João Vitor e Maria Helloisa, por serem minha inspiração de luta e exemplo de vida.

Agradeço ao meu pai, Danny Carlos Pedrotti, que me proporcionou a realização deste sonho, estudar e ter a chance de uma formação profissional.

Ao meu esposo, Maycon José Pardini, meu grande amor, meu amigo e companheiro. Juntos, estamos escrevendo nossa história.

À minha nova família, que ganhei ao me unir com meu companheiro, minha sogra, meus cunhados e cunhadas, e sobrinhos, os quais me apóiam e ajudam desde o momento que nos conhecemos.

À minha querida orientadora, Mestre Valéria Melki Busin, que se dispôs de tempo, interesse e dedicação para me ajudar nessa caminhada rumo ao meus objetivos.

Às professoras da banca, Dr.^a Nádie Christina Ferreira Machado Spence e Esp. Josimara Diolina Ferreira, pela compreensão e sugestões para melhoria do meu trabalho.

Aos meus amigos, e colegas de turma, que ao longo desses cinco anos, sempre me apoiaram em diversos momentos que passei.

Aos professores do curso que se dedicaram para fazer desse sonho realidade, que passaram seu conhecimento e o amor pela profissão.

E, em especial, às mulheres entrevistadas, por sua disponibilidade em falar sobre o tema, e dessa forma ajudar a trazer à tona tais sentimentos, que muitas vezes, estão reprimidos.

“Não se nasce mulher, torna-se.”
(SIMONE DE BEAUVOIR)

“Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo”.
(FOUCAULT)

RESUMO

O presente trabalho busca lançar um olhar sobre mulheres que não desejam ser mães, trazendo à tona os possíveis conflitos que podem surgir, pois confronta um paradigma sociocultural de que as mulheres só conseguem a realização com a maternidade. O objetivo geral desta pesquisa é identificar se e como a mulher pode sentir-se realizada de outras formas, sem incluir a maternidade em sua vida. Dentre os objetivos específicos, a pesquisa buscará descrever quais os sentimentos que as mulheres têm quando não sentem o desejo da maternidade ou simplesmente opta por não ser mãe, e relatar o que sentem em relação à imposição da sociedade quando tomada a decisão de não ser mãe. Assim, este trabalho terá como objeto de pesquisa cinco mulheres que simplesmente não sentem o desejo de ser mães, sendo que elas tem características distintas. São mulheres com idade, escolaridade, profissão e situação socioeconômica diferentes. Para tanto, a pesquisa fará uso da metodologia qualitativa, com entrevistas semi-estruturadas, respeitando todas as questões éticas que envolvem a relação com as pesquisadas. Foi possível, com esse trabalho, expor opiniões, desejos e opções das mulheres que muitas vezes não são bem vistas pela sociedade em geral, e acabam sendo excluídas de grupos na comunidade por não sentirem os mesmos desejos que são vistos como “naturais da mulher”.

Palavras-chave: Maternidade; Desejo; Sociedade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1.1 As mulheres como sujeito: Um contexto histórico	10
1.2 Feminismo e gênero	12
1.3 Construção da Identidade e as transformações da representação da maternidade.....	15
1.4 Maternidade: Instinto natural ou construção cultural?.....	18
2 METODOLOGIA	21
3 ANÁLISE E RESULTADOS.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
APÊNDICES	34
APÊNDICE A - Modelo TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	34
APÊNDICE B - Modelo do roteiro de entrevista	35
APÊNDICE C - Transcrição das entrevistas.....	36
APÊNDICE D - Modelo de tabela para análise dos dado.....	64

INTRODUÇÃO

Por muitos anos, as mulheres que optaram por não terem filhos tiveram que ouvir que estavam erradas, que eram egoístas, diante de uma cultura obcecada pela maternidade. Sendo assim, qual é a margem de escolha que existe diante das pressões sociais? Ser desumana? Parir mesmo sem querer? Tornar-se mãe, não vai aumentar o seu valor.

Durante muitos séculos, a mulher viveu apenas para o lar. Com o passar do tempo, as condições sociais do mundo foram transformadas, e as mulheres foram aos poucos tomando seu lugar na sociedade. Passaram, então, a travar as lutas necessárias pelo reconhecimento da igualdade, ganhando o espaço público e rompendo definitivamente a barreira do silêncio.

Apesar de muitas mudanças no decorrer dos anos, ainda há uma pressão social muito forte sobre as mulheres no que diz respeito à maternidade. Entretanto, a partir de pesquisas científicas e estudos de casos, sabe-se que ser mulher não implica ser mãe.

Cada vez mais as mulheres têm mostrado o que realmente sentem e desejam em relação às suas próprias vontades e necessidades, sendo que tais satisfações, muitas vezes, não condizem com o que é esperado pela sociedade. Assim, quando a mulher faz a opção de não ser mãe, pode sofrer conflitos intrapsíquicos, pois confronta um paradigma sociocultural de que as mulheres só se realizam com a maternidade.

Pensando em um tema que muito repercute na sociedade em geral, quando se pensa em desejos, vontades, realizações e, ao mesmo tempo, contrapõe-se a cultura ao longo dos séculos, e ainda considerado por muitos como um tabu, eis que a maternidade surge como uma opção, não sendo mais aceita como imposição social às mulheres.

A partir de leituras de pesquisas e artigos científicos sobre maternidade, pode-se identificar a carência de informações sobre o não desejo da mulher em ser mãe e a opção de satisfazer outros desejos próprios como ser único e subjetivo, visto que tais sentimentos e desejos são contraditórios com o que a sociedade espera da mulher.

As mulheres que não desejam ser mães apresentam conflitos por não atenderem as expectativas sociais? Para investigar esta questão, apresenta-se esta pesquisa com intuito de compreender como a mulher consegue realiza-se sem a maternidade.

Diante de possíveis conflitos psíquicos, que podem ser causados devido à pressão social que a mulher sofre ao expor os seus desejos, os quais não condizem com a cultura em que vive, faz-se relevante a pesquisa com mulheres que simplesmente não sentem o desejo da maternidade ou optam por não serem mães por diversos motivos e priorizam a satisfação de outros desejos, tais como a carreira profissional, estética, dentre outros.

O objetivo geral da pesquisa é identificar se e como a mulher pode sentir-se realizada de outras formas, sem incluir a maternidade em sua vida. Dentre os objetivos específicos temos: descrever qual o sentimento que a mulher tem quando não sente o desejo da maternidade ou simplesmente opta por não ser mãe; e relatar o que sentem em relação à imposição da sociedade quando tomada a decisão de não ser mãe.

Têm-se como objeto de pesquisa deste trabalho cinco mulheres que não sentem o desejo de ser mães, estas, maiores de dezoito anos e residente no município de Juina – MT.

Em relação à estrutura deste trabalho, primeiramente encontra-se esta Introdução, na qual constam as considerações iniciais, trazendo, de forma geral tudo o que aborda esta pesquisa.

Logo após, segue o primeiro capítulo, o referencial teórico, o qual descreve a história das mulheres, o histórico dos movimentos e estudos feministas, o conceito de gênero, a mulher contemporânea e as transformações que a representação da maternidade sofreu no decorrer dos anos, e os possíveis conflitos que as mulheres podem sofrer em relação à imposição social.

O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada na realização da pesquisa que compõe este trabalho. Os resultados se encontram no terceiro capítulo, onde se faz a análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

Por fim, serão tecidas as considerações finais.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 As mulheres como sujeito: Um contexto histórico

No decorrer da história da humanidade, as mulheres tiveram toda uma trajetória de perdas e conquistas, desde o princípio bíblico até hoje, século XXI. Segundo Santos (2012), o Cristianismo já destacava a fragilidade da mulher diante do homem, Gênesis (2: 21-22) relata em seus textos bíblicos que “Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois da costela que tirou do homem, Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem”.

Ainda em Gênesis (3: 16), após a criação, a mulher foi tentada pela serpente e fraquejou, deu de comer a Adão o fruto proibido, e então, Deus disse à mulher “Multiplicarei grandemente a dor da tua concepção, em dor darás à luz filhos, e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (SANTOS, 2012, p. 217). Nestas passagens bíblicas, nota-se a influência determinante do poder do homem sobre a mulher, a qual foi rotulada pela Igreja como pecadora.

Segundo Santos (2012) na Idade Clássica, período que se estende do século VIII a.C. a V d.C., as mulheres gregas viviam apenas em prol dos maridos e dos filhos, onde acabavam deixando de lado seus próprios interesses e vontades. Se houvesse problemas no casamento, a mulher não possuía de nenhum direito, eram repreendidas pelas leis, pois alegavam que elas deveriam ser totalmente castas, puras. As mulheres romanas também deveriam dedicar-se totalmente aos afazeres domésticos, sempre para servir o marido e os filhos.

Durante a Idade Média, período entre os séculos V e XV, a mulher era “modelada” pelos preceitos da Igreja, na qual surge a dicotomia da santa ou da bruxa¹. Segundo Santos (2012) com o casamento instituído pela Igreja, os papéis de esposa e maternidade, passaram a ser exaltados, e assim, cria-se uma forma de “salvação feminina” a qual partia de três modelos de mulher,

¹ Refere-se aqui da “Santa” como as mulheres mães e protetoras do lar; e da “Bruxa” como as mulheres com autonomia e independentes.

Eva “a pecadora”, Maria “o modelo de perfeição e santidade” e Maria Madalena “a pecadora arrependida”. No casamento a mulher estaria restrita a um só parceiro, que tinha a função de domina-la, de educá-la e de fazer com que tivesse uma vida pura e casta. (SANTOS, 2012, p. 218)

Diante de tais preceitos, Eva simbolizava as mulheres reais, pois eram pecadoras, Maria era um exemplo de santidade a ser seguido por todas as mulheres para alcançarem a salvação, e Maria Madalena, era o exemplo de salvação, para aquelas que caíssem em tentação e se arrependessem. (PRATAS, 2011 *apud* SANTOS, 2012)

Mesmo com várias transformações advinda da Revolução Industrial e início do capitalismo, iniciadas no século XVIII, as mulheres ainda sofrem com a cultura predominante de superioridade do homem.

No Brasil, início do século XX, após a estreita inserção da mulher no mercado de trabalho, havia uma clara divisão sexual do trabalho nas fábricas, no qual as mulheres ocupavam as tarefas menos especializadas e mal remuneradas, e os cargos de direção cabiam apenas aos homens. Diante tais acontecimentos, a Constituição de 1934 assegurou à mulher o direito de voto e da livre concorrência ao funcionalismo público de forma igualitária. (SANTOS, 2012)

A partir da década de 60, diversas leis vieram a beneficiar as mulheres, como o Estatuto da Mulher Casada, que deu a condição as mulheres de colaboradoras e administradoras na sociedade conjugal, e a aprovação da Lei do Divórcio em 77, que substituiu a palavra desquite por separação judicial. Entretanto, a principal mudança ocorreu com a Constituição Federal de 1988, que instituiu o princípio da igualdade de direitos e deveres, sem preconceitos e discriminações entre homens e mulheres.

Diante todas estas conquistas, é evidente o crescimento das mulheres perante a sociedade. Mulheres que buscam, lutam e conquistam o que querem, apesar de grandes barreiras que lhes são impostas.

A escritora francesa Simone de Beauvoir², precursora da frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, em seu livro “O Segundo Sexo³” faz uma análise da

² Simone de Beauvoir (1908-1986); suas idéias tratavam de questões ligadas à independência feminina e o papel da mulher na sociedade. Suas obras refletiam à luta feminina e as mudanças de papéis estabelecidos, assim como a participação nos movimentos sociais.

³ Obra publicada por Beauvoir em 1949. É uma inspiração fundamental para descortinar a maneira pela qual as mulheres são criadas justamente para serem menos que os homens.

condição da mulher, a qual, segundo ela, sempre esteve destinada a ser dependente do homem, e jamais ser seu semelhante. Essa compreensão acorrentou culturalmente a mulher, moldando sua existência, na qual,

(...) a sociedade sempre foi masculina, e o poder político sempre esteve nas mãos dos homens, ou seja, a sociedade exaltava a superioridade masculina, o que se refletia na educação das moças, já que qualquer ato que fosse de desagrado ou servisse de ameaça à paz social era visto por todos com maus olhos. (SANTOS, 2012, p. 219)

Para Simone de Beauvoir (apud, SANTOS, 2012) a mulher não tem um destino biológico, ela é formada dentro de uma cultura que define qual o seu papel na sociedade, entretanto durante muito tempo, ficaram aprisionadas ao papel de mãe e esposa.

O movimento feminista tem sido responsável por diversas conquistas na vida das mulheres, no entanto ainda há buscas por melhores condições e respostas eficazes. Hoje⁴, o modo como cada mulher se coloca frente à sociedade se distancia cada vez mais do papel feminino exercido no século XIX; graças a sua influência ela vive nos dias atuais frente ao seu tempo, expondo-se às críticas e lutando para conquistar o espaço quase sempre acirrado. (SANTOS, 2012)

Diante disso, o que nós mulheres buscamos é sermos reconhecidas ao lado dos homens, como seres igualitários de direitos e deveres.

1.2 Feminismo e gênero

O movimento feminista é uma das principais manifestações sociais de caráter transformador, lutando pelos direitos das mulheres que, há muito tempo, ficaram submetidas às vontades masculinas e da sociedade em geral. Goldenberg (1992, p. 17) conceitua os movimentos feministas como “ação organizada de caráter coletivo, que visa mudar a situação da mulher na sociedade, eliminando as discriminações a que ela está sujeita”.

⁴ Ao usar o termo hoje, me refiro ao século XXI.

Portanto, o feminismo é um movimento social que visa igualdade de direitos e deveres entre as mulheres e os homens, superando a hierarquia estabelecida pela sociedade. As feministas lutam para que o feminino não seja desvalorizado.

Dentre as lutas no decorrer da história dos movimentos feministas, surgiram as ondas feministas, tais movimentos tinham como objetivo o reconhecimento igualitário entre homens e mulheres.

O sufrágio, assim chamada a primeira onda feminista, passou a existir no século XIX, movimento que tinha como principal objetivo de luta o direito ao voto. De acordo com Alves e Pitanguy (1895, p. 44 apud LEVATTI 2011) “Iniciou-se o sufrágio, enquanto movimento, nos Estados Unidos, em 1848”.

No Brasil, segundo Alves e Pitanguy (1895, apud LEVATTI 2011), a discussão sobre o direito ao voto da mulher só se teve efeito em 1910, com a fundação do Partido Republicano Feminino, e após várias manifestações de reivindicação pelo direito ao voto, a mulher conquistou tal direito em 1933, concedido pelo então presidente Getúlio Vargas. Entretanto, só nos anos de 1945, a mulher conseguiu votar pela primeira vez, perante a queda do governo da ditadura getulista.

A chamada segunda onda teve início no final dos anos 60. Para Alves e Pitanguy (1895, apud LEVATTI, 2011) a partir desta década, além das reivindicações que aconteceram no período anterior, as feministas apresentaram também o questionamento sobre a influência da cultura nas desigualdades.

Para essas autoras,

“O “masculino” e o “feminino” são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. Aprendemos a ser homens e mulheres e a aceitar como “naturais” as relações de poder entre os sexos.” (ALVES E PITANGUY, 1985, p. 55 apud LEVATTI, 2011).

Podemos então dizer, que somos culturalmente formados, e aprendemos que a hierarquia entre os gêneros é natural. Contudo, sendo um conceito aprendido e não intrínseco, pode ser transformado.

Importante destacar que durante a segunda onda, uma importante ferramenta usada pelas feministas para divulgar suas idéias e suas exigências foram os meios de comunicação, como por exemplo, revistas e jornais.

A terceira onda do feminismo começou no início da década de 1990, como uma resposta às supostas falhas da segunda onda, e também como uma retaliação a iniciativas e movimentos criados pela segunda onda.

Para as feministas, a maternidade era vista como uma desconstrução de seus ideais como mulher, o que dificultava a participação das mulheres em espaço público e explicava a dominação masculina e a desigualdade entre os sexos. Para Lucila Scavone (*apud* Hoch, 2006, p. 39)

... a perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pode ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também símbolo de opressão das mulheres (...). Além disso, ela pode ser compreendida como constituinte de um tipo de organização institucional familiar, cujo núcleo central articulador é a família. E mais ainda, foi possível compreendê-la como um símbolo construído histórico, cultural e politicamente resultado das relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro.

Entretanto, a maternidade ainda continua sendo vista como uma imposição de realização feminina. Mas, na perspectiva feminista “a decisão de não ter filhas e filhos deixa de ser uma falta na representação do que é ser mulher, e torna-se uma opção”. (ÁVILA *apud* Hoch, 2006, p. 39)

Mas até que ponto as mulheres podem “optar” diante de todas as pressões sociais? É comum sentir-se desumana perante tais condições? Gestar e parir sem querer? A construção cultural da maternidade como destino das mulheres ainda é muito forte. A categoria gênero vem mostrar que é cultural, e que pode ser uma escolha, no entanto, essa idéia ainda não faz parte do imaginário social.

É muito comum ouvirmos falar sobre gênero, porém, apesar de ser muito citado, a maioria das pessoas não sabem o que realmente o que significa. “Gênero é uma categoria de análise que foi criada por antropólogos, para nos ajudar a refletir sobre essas diferenças no que diz respeito aos papéis femininos e masculinos e na desigualdade social que geram”. (XAVIER, JURKEWICZ, BUSIN, 2007, p. 10)

Muito se fala de que os papéis de gênero são biológicos, mas, na verdade tais papéis são determinados socialmente, uma construção cultural.

Segundo Saffioti (1992, p. 210 *apud*, CARLOTO⁵),

⁵CARLOTO, Cássia Maria. O **conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm> Acesso em 02/09/2014

a construção dos gêneros se dá através da dinâmica das relações sociais. Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros. (...) Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça e etnia.

A partir das lutas pela igualdade entre gêneros, muitas mudanças foram acontecendo. Mas, apesar de todos os avanços, tais igualdades ainda não estão plenamente garantidas. Segundo Stevens (2007), ainda hoje

... as imagens do “ser mulher”, do “ser feminina” permanecem fixadas e repetidas no imaginário social (...). Quantas mulheres percebem que se atrelam a um destino “natural”, o da “verdadeira mulher”, mãe e esposa, cumprindo os desígnios das representações sociais institucionalizadas? (STEVENS, 2007, p. 205, 206).

Estas representações sociais do feminino estão fortemente marcadas em nossa cultura, por meio das quais mulheres são vistas como seres sensíveis e frágeis, as quais têm o papel de servir ao lar, esposo e filhos.

Ainda no século XXI, apesar do espaço que a mulher conseguiu na sociedade ao longo dos séculos, a sociedade ainda valoriza de forma diferenciada os papéis masculinos e femininos, os homens são tidos como seres fortes, provedores, e as mulheres, frágeis e sensíveis, responsáveis pelo cuidado dos filhos e da casa, além de muitas estarem no mercado de trabalho. Essa concepção vem de gerações a gerações, deixando de lado o que realmente a mulher deseja, o que ela quer ou não quer para sua realização como mulher, como dona de suas vontades e desejos.

1.3 Construção da Identidade e as transformações da representação da maternidade

A maternidade, no decorrer da história, foi construída através de diferentes discursos que afirmavam ser essa, uma tarefa primordial e essencial à "natureza" da mulher. Ligada diretamente ao feminino, as representações culturais da maternidade foram produzidas por práticas discursivas que prescrevem que toda mulher deveria cuidar, amar, alimentar e dar educação aos filhos, abdicando de si mesma, para cuidar de outro, totalmente dependente dela.

Atualmente, embora a mulher possa ser reconhecida por sua participação em outros cenários sociais, essas representações ainda prevalecem no discurso social dominante e constitutivo das identidades femininas.

Por muito tempo, a identidade feminina foi diretamente associada às representações de maternidade, funcionando como sendo a melhor ou verdadeira imagem de feminilidade, a partir da qual a não-maternidade passou a ser encarada como desviante.

Ainda hoje, no século XXI, a sociedade é movida por conceitos estereotipados, os quais foram construídos culturalmente em toda a história. Segundo Oliveira (2007) as mulheres durante muito tempo foram caracterizadas como “mulher-esposa’ e ‘mulher-mãe’, sendo a sua principal função social, a maternidade” (OLIVEIRA, 2007, p. 12).

Durante este período onde prevalecia o discurso patriarcal, a mulher era vista como a responsável pelos afazeres domésticos e pela maternidade, e os homens, com a função do sustento da família. Coube a mulher então, a condição de privação das atividades sociais, como o trabalho remunerado, dentre outras.

Com a Modernidade⁶ construiu-se um conceito de que o caminho natural da mulher seria a maternidade, entretanto, tais conceitos vêm sofrendo transformações no decorrer dos anos.

Logo após mudanças na história da mulher como os movimentos feministas, inserção no mercado de trabalho, surgimento de métodos anticoncepcionais, liberdade sexual, a mulher foi deixando de lado a questão da maternidade e priorizando outras possibilidades. (SANTOS, 2013)

A representação social da maternidade vem sofrendo modificações e assim, vai se adequando a realidade na qual nós estamos inseridos e também, ao longo do tempo, se modificando ao se adaptar no contexto sociocultural de cada época. Entretanto, mesmo com tantas conquistas a mulher se depara confusa em relação do seu papel na sociedade, uma vez que segundo Bruns (2010, p.10, apud OLIVEIRA 2007), “os valores antigos entram em conflito com os novos”.

⁶ Entende-se como Modernidade o período entre o fim do século XVII a meados do século XIX, marco inicialmente pelas idéias do iluminismo e a revolução industrial, a qual provocou grandes transformações nas relações sociais.

De acordo com Oliveira (2007), a partir da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) as mulheres tiveram espaço de trabalho, sendo este, um marco inicial rumo a conquistas sociais.

Hoje, século XXI, os projetos de vida das mulheres e suas escolhas profissionais, suas vontades e relações amorosas são pautadas por outra realidade. A identidade feminina não se forma mais como sendo sua própria natureza, mas sim, em cima de outras bases. (ARÁN, 2003, apud OLIVEIRA, 2007).

Ressalta-se também que o cotidiano doméstico vem sendo, cada vez mais, abandonado e despertando menos interesse pelas mulheres, que, muitas vezes, chegam a se sentir inúteis quando são submetidas a tais tarefas domésticas.

Com o passar dos anos a mulher conquistou seu espaço na sociedade, sendo assim, Oliveira (2007) aponta que “a mulher de hoje é um sujeito que está em construção, adotando novas posições frente às diversas mudanças ocorridas no mundo social, desde (...) o direito ao voto (...) até o simples direito de escolha”. (OLIVEIRA, 2007, p. 41)

A mulher século XXI adquiriu novos papéis que diferem da sua antiga representação social, marcada pelas idéias sociais construídas durante toda a sua história, onde a mulher era vista apenas como esposa, mãe e zeladora da casa.

Assim, pode-se dizer que a identidade feminina foi definida através de representações de maternidade - biologicamente fundamentada (Arán, 2003; Beauvoir, 1980; Colling, 2004; Woodward, 2000).

Para Badinter (1985, *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 91) “a maternidade é um comportamento social, ajustado a um determinado contexto sócio-histórico. O amor materno, em sua concepção, não é uma característica essencial da mulher”.

Confere-se, dessa forma, às mães, um aumento do status social, ao mesmo tempo em que se culpabiliza as mulheres que fugiam a essa regra (Ariès, 1981). Os significados da maternidade associados ao amor e ao cuidado passaram a afirmar referenciais de valores considerados ideais. Discursos culturais, durante séculos, recrutaram mulheres a se identificarem com eles, tomando-os como verdades e constituindo suas identidades femininas.

As identidades que estabilizaram o mundo social moderno por meio da fixação de papéis para as mulheres estão em declínio. Em relação à maternidade, pontua-se que diferentes significados atribuídos à experiência de ser mãe nas sociedades em que vivemos hoje tornam incertezas e transitórias as identidades sociais.

1.4 Maternidade: Instinto natural ou construção cultural?

Muito se discute sobre a questão do 'instinto' materno, Renato Pinto Venâncio (2000, *apud* SANTOS, 2013) aponta que no Brasil, durante o período colonial, muitas mulheres abandonavam seus filhos, ou praticavam o aborto, e eis que tais fatos vem desmistificando o mito de que a maternidade é o desejo, e ou missão de toda mulher.

Na Idade Média o homem era visto como superior à mulher à criança, o qual possuía uma autoridade que dizia ser concebida pela própria natureza humana. Assim, segundo Badinter (1985, *apud* MOURA 2004), neste período havia uma desvalorização sobre a maternidade o que acompanhava o poder paterno.

De Beauvoir (1966, *apud* STEVENS 2007, p. 209) considera que “não existe instinto materno (...) a atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira pela qual ela se assume (...) extremamente variável.”

A autora De Beauvoir (1966, *apud* STEVENS 2007), desmitifica o desejo da maternidade e ressalta que às vezes os sentimentos da mãe não correspondem aos seus desejos mais profundos. Sendo assim, a autora afasta o modelo de que todas as mulheres sentem os mesmos desejos.

Segundo Goldenberg (1992, p. 80), “o mito da maternidade, como suprema realização da mulher, foi profundamente questionado pelo movimento feminista, entretanto, ainda não existe unanimidade de opinião sobre essa questão”.

A representação da “verdadeira mulher”, mãe/esposa/dona-de-casa é ainda em nossos dias a imagem e o cotidiano da maioria das mulheres. A multiplicidade que compõe o desejo e a experiência das mulheres é esquecida pelo efeito homogeneizante da imagem do Mesmo. (STEVENS 2007, p. 221)

Estamos em uma época em que grande parte das mulheres consegue estabelecer o que realmente quer para si, o que é ou não importante para sua própria vida. A mulher vem usufruindo diversas possibilidades de escolha para realização pessoal e profissional, e assim, podem escolher se querem dedicar-se ao trabalho, estudos, enfim, outros desejos.

Apesar de tantas mudanças, muitas mulheres ainda sofrem cobranças e até discriminações quando expõe seus desejos os quais não estão vinculados a maternidade. Tais mulheres são vistas por muitos como seres egoístas, que não gostam de crianças ou até mesmo insensíveis por escolherem tal opção.

As mulheres vêm alcançando cada vez mais a sua inserção social, com isso várias mudanças de valores, práticas e papéis sociais vem ocorrendo, dentre elas a maternidade. Com outros desejos e objetivos, como exemplo a estabilidade financeira, a mulher vem adiando ou simplesmente opta por não ser mãe.

Conforme visto, os conceitos de instinto e natureza humana vem sendo discutidos ao longo dos anos, elas ainda permanecem na visão atual da maternidade e não podem ficar sem ser discutidos. (BARBOSA, 2007)

A sociedade ainda possui pré-conceitos, onde a mulher nasceu para a maternidade, e a maternidade nasceu com ela. Entretanto, Barbosa (2007, p.163) aponta que “apenas a gestação e o parto são biologicamente definidos, mas tanto o exercício da maternidade quanto o da paternidade são fruto de um aprendizado social”. Ou seja, o processo de gestação e de parto, são naturais, sendo que o nosso organismo é feito para que se possa ocorrer a gestação, mas, desde que a mulher escolha passar por tal processo.

Após o surgimento dos métodos anticoncepcionais (década de 60) a mulher passou a se tornar mais responsável por suas próprias escolhas, como a sexualidade, e a maternidade, possibilitando que demonstrem o que realmente querem e não o que lhe é imposto como destino ou natureza humana. (BARBOSA, 2007). Assim, com a descoberta de métodos anticoncepcionais, a mulher pode seguir o que deseja, fazer escolhas dentro do que deseja para obtenção de sua própria satisfação pessoal.

Então, para a autora Bonini-Vieira (1997 apud BARBOSA, 2007) a ideologia de que o papel da mulher é cuidar do lar e dos filhos pode ser questionada e alterada, pois se trata de uma construção social.

Segundo Wilt (1990 apud, COSTA, 1997) algumas feministas trouxeram o discurso de que a maternidade não é um instinto natural das mulheres e sim uma opção consciente.

Abranches (1990) observa que a decisão de ser ou não mãe não se estabelece sem conflito e está associada tanto à disponibilidade interna para a maternidade quanto ao grau de favorecimento proporcionado pelas condições externas.

Os papéis sexuais tradicionais ditavam que as mulheres deveriam valorizar a maternidade e que era inadequado se elas não se tornassem mães. Assim, era difícil para a mulher abrir mão da maternidade e optar por outras formas de realização.

O que se espera é que esta opção se faça presente e não que ganhe *status* de uma nova imposição social. O desejo de ter ou não filhos é, sem dúvida, complexo, inspira sentimentos contraditórios e é difícil de precisar e isolar de toda uma rede de fatores, tanto psicológicos quanto sociais.

2 METODOLOGIA

Neste trabalho foi realizada, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica, que permite fundamentar o objeto de estudo e, em seguida, a pesquisa de campo, que possibilitou investigar as questões levantadas.

Esta pesquisa teve como procedimento o método qualitativo, pois, segundo Godoy (1995, p. 21) “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Neste método de pesquisa qualitativa, o pesquisador possui uma maior interação com o pesquisado, que permite um bom desenvolvimento da pesquisa.

Como se trata de uma pesquisa que envolve pessoas com sentimentos, desejos e escolhas que contrapõem o que é esperado e “aceito” pela sociedade, a pesquisa qualitativa se faz o melhor método a ser trabalhado, possibilitando a investigação que mais se adéqua aos objetivos da pesquisa

Como instrumento de pesquisa, foi utilizada a entrevista semi-estruturada com um roteiro de entrevista⁷, que norteou a entrevistadora e possibilitou a inserção de novas perguntas pertinentes ao tema e de acordo com o que foi respondido no decorrer da entrevista. Também possibilitou às entrevistadas discorrerem sobre a pergunta proposta sem se prender às respostas ou condições prefixadas. Assim, este instrumento permitiu que a pesquisa fluísse como “uma conversa com finalidade”, o que propiciou para uma boa entrevista e, portanto, chegar aos objetivos propostos.

As entrevistas foram realizadas em um ambiente propício para as participantes, as quais puderam escolher o lugar e horário, o que permitiu as entrevistadas um conforto durante a “conversa”. Durante as entrevistas, foi utilizado um gravador de voz, para um melhor registro de dados, que possibilitou à entrevistadora dados mais seguros e precisos. Posteriormente foram transcritas pela pesquisadora, que seguiu rigorosamente as palavras ditas durante o processo de entrevista tentando manter o máximo de fidelidade com relação ao que foi dito.

⁷ Ver em anexo III

É importante que, durante a entrevista, o pesquisador fique atento às reações e comportamentos do pesquisados para que qualquer ação diferenciada possa ser identificada e informada na pesquisa.

No entanto, segundo Godoy (1995, p. 27) “a entrevista poderá ser gravada, se houver concordância do entrevistado, ou pode se tomar algumas notas. A gravação, evidentemente, torna os dados obtidos mais precisos”. Assim, é de suma importância que se leve em consideração as questões éticas quando se trata de uma pesquisa com seres humanos, pois o pesquisador tem uma maior proximidade com o pesquisado.

Diante disso, faz-se relevante o uso do termo de consentimento livre e esclarecido⁸, o qual informou e esclareceu às pesquisadas sobre o tema abordado, deixando claro o sigilo, resguardando sua identidade e o livre arbítrio de escolha, para que possa desistir da participação na pesquisa sem dano.

Para que a obtenção dos dados se desse por realizada, é importante destacar como cheguei às participantes da pesquisa. Tal processo se deu por meio da indicação de terceiros, os quais foram informados sobre o objetivo da pesquisa e me conduziram até essas mulheres, e a partir daí, busquei por meio de telefonemas e endereços, entrar em contato e pedir-lhes o consentimento para a realização da pesquisa.

Conforme Godoy (1995, p. 26) aponta “as pessoas envolvidas devem estar a par dos principais objetivos do trabalho. O papel do pesquisador deve ser claro para aqueles que lhe prestarão informações, não devendo ele ser confundido com elementos que inspecionam, avaliam e supervisionam atividades”.

Foram entrevistadas cinco mulheres, com idades, escolaridade, religião, profissões distintas, e realidades sociais diversas, porém, com algo em comum, o desejo de não ser mães.

É importante frisar que os nomes reais, e quaisquer outros dados que possam identificar as entrevistadas foram trocados por nomes fictícios, com intuito de preservar sua privacidade.

⁸ Ver em anexo IV

Chizzotti, (1998) aponta que a pesquisa qualitativa se fundamenta em uma estratégia baseada em dados coletados em interações sociais e interpessoais, analisados a partir dos significados que os sujeitos ou pesquisadores atribuem ao fato. Portanto, fornece uma análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamento.

Para a análise do material obtido, através das entrevistas, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo, que segundo Bardin (2006, p. 38 apud MOZZATO e GRZYBOVSKI, 2011) consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

A análise de conteúdo permite descrever e reinterpretar as mensagens e atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além da leitura comum. Esse método faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Parte de uma série de pressupostos que oferece um suporte para captar seu sentido simbólico, sendo que este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é o único.

Segundo Bardin (2006 apud MOZZATO e GRZYBOVSKI, 2011), este método possibilita uma organização de pesquisa em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na primeira fase, constitui-se de leituras de materiais para uma compreensão do tema abordado e a preparação das hipóteses e objetivos da pesquisa, na qual, seleciona materiais necessários que serão utilizados no decorrer da pesquisa. Logo, na segunda fase, busca-se definir as categorias de análise, possibilitando ou não a riqueza das interpretações. Na terceira fase, destacam-se as informações de análise para os resultados e a interpretação. (BARDIN, 2006 apud MOZZATO e GRZYBOVSKI, 2011)

Entretanto, segundo Laville (1999), a análise de conteúdo não é um método rígido, que deve ser seguido rigorosamente suas etapas para obter belas conclusões, e sim um conjunto de vias possíveis para a obtenção de um conteúdo.

3 ANÁLISE E RESULTADOS

No presente capítulo, faremos a análise dos dados coletados a partir das entrevistas realizadas com as mulheres que não sentem o desejo de ser mães. Buscaremos fazer a relação entre a discussão teórica realizada nos capítulos anteriores com o que foi trazido pelas entrevistadas. Assim, tentaremos esclarecer a teoria com a prática e vice e versa, sempre tendo em mente que nosso objetivo, no presente trabalho, é elucidar os sentimentos das mulheres que optam por não ser mães, e relatar o que sentem em relação à imposição da sociedade quando tomada a decisão de não ser mãe.

A partir das lutas feministas pela igualdade de gênero, foram ocorrendo mudanças significativas em relação aos direitos das mulheres, entretanto, ainda existe uma grande desigualdade social quando se trata de ocupar o mesmo lugar que homem. Segundo Stevens (2007),

... a imagem do “ser mulher”, do “ser feminina” permanecem fixadas e repetidas no imaginário social (...). Quantas mulheres percebem que se atrelam a um destino “natural”, o da “verdadeira mulher”, mãe e esposa, cumprindo os desígnios das representações sociais institucionalizadas? (STEVENS, 2007, p. 205, 206).

Joana - *Meu pai, uma vez falou, você não faz nada, tem quatro mulheres aqui em casa pra que?! Pra mim é mera reprodução cultural. Nós somos criadas especificamente pra sentir isso, e o homem não. Atribui-se uma carga muito séria pela mulher, acho que tem que ser algo bem compartilhada pelo pai. Tudo é culpa da mulher... é muito cultural isso.*

Cecília - *Eles têm o conceito se a mulher sai de casa sem ser casada a mulher sai fora da cidade, lá na frente vira uma mulher da vida, esse é o conceito geral da situação. Porque desde que a gente é gerado, o conceito vem criando, porque quando nasce, é só roupa rosa, sapato rosa, tudo rosa. Aí completa uma certa idade, os brinquedos são bonecas e casinhas. Então já vai colocando o conceito de que temos que cuidar, manter aquilo em ordem, servir a casa, os filhos. Mas a gente não deixa de fantasiar né. A mulher cresce com o conceito de que tem que ser mãe.*

Nestas passagens, podemos notar a influencia sócio-cultural de que as mulheres são criadas para servir ao homem, a casa, e aos filhos. Tais realidades, ainda que muitas vezes submersas, estão presentes em nossos dia-a-dia, em pleno século XXI.

Para a autora Bonini-Vieira (1997 apud BARBOSA, 2007) a ideologia de que o papel da mulher é cuidar do lar e dos filhos pode ser questionada e alterada, pois se trata de uma construção social. Entretanto, ser mãe, zelar pela casa e pelo marido, e deixar de lado o cuidado consigo mesma, ainda é muito real para mulheres de todos os lugares, como podemos notar na seguinte fala:

Emanuela - *Não tenho hora vaga. Cuido das crianças de manha à noite... o pai deles nunca esta presente, ai eu tenho que brincar pelos dois. Eu me sinto mal quando ele esta longe, porque é difícil a gente cuidar de três crianças sozinha, na hora do banho, a hora de dar uma janta é bem complicado.. eu me sinto sozinha.. desacompanhada. Não tem muita diferença da mãe pra mulher, porque o sentimento é o mesmo... de um jeito ou de outro eu me sinto sozinha.*

As mulheres têm buscado cada vez mais o seu espaço na sociedade, que durante séculos vêm lutando contra preceitos e culturas, as quais estabelecem parâmetros do que as mulheres devem fazer, ser e até mesmo sentir. A busca pela liberdade de expressão, de ir e vir, etc. estão explicitas nas falas das entrevistadas.

Ana Laura - *Eu quero viajar, eu quero ter a minha liberdade, liberdade pra mim é tudo sabe, até então que eu e meu marido conversamos sobre isso, eu sou livre e ele também é livre, só que cada um sabe até onde sua liberdade vai. Não adianta eu ter um filho, pressionada pela sociedade, pela as outras mulheres e até homens, já me falaram que, se você não tiver um filho você não é realizada como mulher.*

Joana - *Não quer dizer que eu não goste, não curta. Mas eu não quero desprender a minha vida, dar toda a minha vida, talvez esteja sendo egoísta, não sei, eu não*

estou preparada isso, dispor da minha vida total pra essa criança até o final da minha vida.

Segundo Goldenberg (1992, p. 80), “o mito da maternidade, como suprema realização da mulher, foi profundamente questionado pelo movimento feminista, entretanto, ainda não existe unanimidade de opinião sobre essa questão”.

Podemos notar que para elas, a mulher não precisa da maternidade para realizar-se como mãe.

Vitória – *Eu acho que não precisa ter filho pra ser feliz, mas tem aquela questão de que todo mundo fala que não vou ser feliz. Os outros falam que criança traz felicidade, mas nesse caso aqui a criança ia sofrer junto comigo. Não acho que a criança ia mudar tudo isso... Não tenho curiosidade da gestação, não tenho curiosidade da amamentação.*

Entretanto, a maternidade ainda continua sendo vista como uma imposição de realização feminina. Já na perspectiva feminista “a decisão de não ter filhas e filhos deixa de ser uma falta na representação do que é ser mulher, e torna-se uma opção”. (ÁVILA *apud* Hoch, 2006, p. 39)

Vitória - *Cada um é cada um... eu não tenho vontade. Vejo que todo mundo tem... como eu já te disse, acho que sou meia diferente. Sou meio desumana. Eu fico meio encabulada de vez em quando, porque eu não tenho vontade. Procuro a vontade dentro de mim, entende, procuro ter a vontade. Mas eu não me vejo. Eu me acho estranha porque os outros comentam muito né. Ninguém deixa barato não.*

Cecília - *Quando eu fui gerada eu não pedi pra nascer, ninguém me perguntou. Mas, hoje eu tenho o poder de decisão. Eu quero trazer uma pessoa no mundo pra fazer as mesmas perguntas que eu faço e viver do mesmo jeito que eu vivo? Ah,*

mas ela não vai ser igual a você... mas a gente passa os sentimentos da gente pra essa criança. Então eu hoje, tenho o poder de decisão.

Mas até que ponto as mulheres podem “optar” diante de todas as pressões sociais? É comum sentir-se desumana perante tais condições? Gestar e parir sem querer? A construção cultural da maternidade como destino das mulheres ainda é muito forte. A categoria gênero vem mostrar que é cultural, e que pode ser uma escolha, no entanto, essa idéia ainda não faz parte do imaginário social.

Ana Laura - *Em momento algum eu senti essa vontade de ser mãe, às vezes eu falo que não fui picada ainda pelo mosquitinho da vontade ou da maternidade, pode ser que ele me pique ou não, quem sabe. Primeiro eu queria ter uma casa e depois um carro, depois eu queria ter a faculdade aí depois eu percebi que isso era só uma forma de adiar a maternidade, então, hoje se me perguntarem eu falo que não quero, não vou falar que vou pensar assim sempre, mas hoje não, filhos não estão nos meus planos.*

Com o passar dos anos a mulher conquistou seu espaço na sociedade, Oliveira (2007) aponta que “a mulher de hoje é um sujeito que está em construção, adotando novas posições frente às diversas mudanças ocorridas no mundo social, desde (...) o direito ao voto (...) até o simples direito de escolha”. (OLIVEIRA, 2007, p. 41)

Ana Laura - *No início eu me sentia muito mal, eu tenho magoa, eu não quero a opção é minha, a escolha é minha né, você tem ou não, eu não sou contra você ter, mais agora aceita a minha opção, agora eu já parei com isso, se aceita tudo bem se não aceita é o que eu penso e isso é o que importa pra mim.*

Joana - *Hoje eu me sinto tranqüila em relação a isso, mas eu não vou dizer que em alguns momentos você ficava com altos e baixos, com depressão.*

Cecília - *Pra mim hoje, não influencia em nada, não muda meus sentimentos o que as pessoas dizem. No início sim. Essa vontade de não ser mãe foi morrendo aos poucos, não foi um dia que acordei e decidi. Então assim, até eu formar uma opinião e tornar pra mim o correto, ainda abala, a partir do momento que se tornou uma decisão sólida, já não me afeta mais. Eu posso sofrer com algum comentário, mas não muda a minha decisão. Independente do outro, é o meu corpo, sou eu quem vai gestar essa criança, então é eu quem tem que saber se quero ou não.*

Para Badinter (1985, *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 91) “a maternidade é um comportamento social, ajustado a um determinado contexto sócio-histórico. O amor materno, em sua concepção, não é uma característica essencial da mulher”.

A autora De Beauvoir (1966, *apud* STEVENS 2007), desmitifica o desejo da maternidade e ressalta que às vezes os sentimentos da mãe não correspondem aos seus desejos mais profundos. Sendo assim, a autora afasta o modelo de que todas as mulheres sentem os mesmos desejos.

Entretanto, nas passagens a seguir, podemos perceber que mesmo diante tantas mudanças ainda há muita imposição social sob as mulheres. E assim, acabam atingindo seus sentimentos, em algum momento, mesmo que de forma superficial, até que elas possam adquirir uma barreira para suprir.

Vitória - *Me incomoda o que os outros dizem. Fico muito pra baixo, e tem vez que eu prefiro nem ficar perto da minha própria família. Então eu acabo chegando em casa constrangida e acabo não querendo se unir com eles. Ai eu acabo pensando, eu vou ter que ter um filho pra calar a boca de todo mundo. Só que ai eu vou lá e volto cá, não vou ter um filho só pra calar a boca deles. Não é o que eu quero, ai eu fico nesse jogo de empurra...*

Emanuela - *Eu sentia muita angústia, uma dor dentro do peito.. eu engordei só 2 kg na gravidez.. eu não comia, eu mais chorava do que comia... mas, não cheguei a tomar remédio, porque desde o começo me perguntaram se eu ia abortar, ai eu falava que não tinha coragem... é uma vida, você querendo ou não... ficava*

praticamente o tempo inteiro sozinha.. eu também não ia nas consultas com o medico.. não queria nem saber.. sabe quando você não quer nem saber.. quer deixar de lado.. comecei a ter alguns problemas.. tive começo de aborto... e quando estava preste a nascer, eu descobri que ela não tinha crescido nem desenvolvido.. fiquei desesperada..

Após o surgimento dos métodos anticoncepcionais (década de 60) a mulher passou a se tornar mais responsável por suas próprias escolhas, como a sexualidade, e a maternidade, possibilitando que demonstrem o que realmente querem e não o que lhe é imposto como destino ou natureza humana. (BARBOSA, 2007). Assim, com a descoberta de métodos anticonceptivos, a mulher pode seguir o que deseja, fazer escolhas dentro do que deseja para obtenção de sua própria satisfação pessoal.

É importante ressaltar a influencia da família e da religião em relação ao destino maternal da mulher, pois eis que são preponderantes quando as mulheres não sabem como lidar diante determinadas situações, o que acaba gerando conflitos internos. Conflitos estes, que rodeiam o bem estar psíquico das mulheres.

Joana - *Me vêem como uma aberração, mesmo. Já me senti assim, agora não mais.*

Eu não vejo essa necessidade, de me realizar como mulher ter essa condição.

Não tenho mais religião, mas respeito todas. A religião influencia totalmente. Todas elas são castradoras. Castradoras da sua identidade, da sua individualidade.

Cecília - *Quando eu falo para as pessoas, ah, eu não quero ter filho, eles olhos nossa, um bicho que sete cabeças, um absurdo, onde já se viu, porque a mulher já tem o instinto, e a mulher não nasce com instinto pra ser mãe, sei lá, a mulher não nasce mãe, então como ela nasce com instinto. Então as pessoas que eu falei que não quero ter filhos, apesar que a maior parte é da igreja, então acaba tendo uma influencia da religião nas respostas, mas eles falam que filhos é uma benção, porque Deus deixou na bíblia que tem que procriar, manter a família, aquela lorota toda.*

Vitória - *Na família, como todo mundo me conhece quando a gente senta junto é só pra me criticar. Todos dizem que eu quero ser rica. Não sei se filho atrapalha né! Mas eles falam que eu quero enricar pra depois ter filho. Não penso assim, não penso nem na riqueza, nem no filho.*

Emanuela - *Meu esposo desde o começo ele ficou feliz... minha mãe ficou feliz... eu fiquei mais preocupada com o que minha sogra ia dizer, porque ela sempre falou: pra que tanto filho, um já basta... ai eu tinha medo né.. fiquei pensando com dois ela já falava, imagina quando viesse o terceiro. Eu tinha medo do que ela ia me julgar, comentar com os outros, mas, na minha frente ela sempre apoiou, sempre me deu forças..*

Ana Laura - *A minha mãe me cobrou muito, minhas tias não, elas são bem tranqüilas, a opção é minha, mais não, a minha mãe nunca aceitou. Pra minha família é aquela questão casou, e casal só é feliz com a família completa, é a família com filho, é aquela tradicional, no inicio era aquela coisa assim tem que ter, principalmente pela parte da minha mãe.*

Diante dessas passagens, podemos perceber, o quanto as influencias sócio-culturais estão presentes em nosso cotidiano, e às vezes nem percebemos que podem nos afetar, trazendo conseqüências na vida do individuo, no caso, mulheres, que buscam o seu espaço livremente, para expor seus desejos sem o julgamento do outro.

As questões de gênero vêm mostrando que essa busca pela igualdade vem se consolidando, aos poucos, mas libertando várias mulheres para o mundo. Deixando o medo de desejar, ser, existir e lutar pelo que realmente acredita e sente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final do presente trabalho, voltaremos aos resultados obtidos nos capítulos anteriores, buscando sobretudo responder às indagações que nos motivaram para a realização desta pesquisa: identificar se e como a mulher pode sentir-se realizada de outras formas, sem incluir a maternidade em sua vida. Descrever qual o sentimento que a mulher tem quando não sente o desejo da maternidade ou simplesmente opta por não ser mãe; e relatar o que sentem em relação à imposição da sociedade quando tomada a decisão de não ser mãe.

Por meio das discussões elencadas no referencial teórico e na análise das entrevistas realizadas, foi possível elencar que a mulher pode sim, realizar-se sem a maternidade, entretanto, diante da pressão social que recebe, desde os primórdios, ela passa por várias fases em que é contestada e até mesmo julgada, por expor seus desejos e opções.

Foi possível, com esse trabalho, expor opiniões, desejos e opções das mulheres que muitas vezes não são bem vistas pela sociedade em geral, e acabam sendo excluídas de grupos na comunidade por não sentirem os mesmos desejos que são vistos como “naturais da mulher”.

No capítulo 1, relatamos uma breve história das mulheres, que durante muitos séculos tiveram seus direitos negados, perante a sociedade. Entretanto, podemos notar que diante as passagens das entrevistas essa imposição da sociedade ainda esta presente na vida delas, mas, já se nota o avanço que obtivemos, pois as mulheres conseguem impor o que desejam, mesmo correndo o risco de sofrer. O trabalho também traz os importantes movimentos que tornaram a visão das mulheres mais presentes perante a sociedade.

É importante salientar que as representações da maternidade ainda estão sobre nós, entretanto, somos seres sociais, os quais mudamos de acordo com nossas experiências e vivencias no decorrer de nossas vidas. Somos transformados. Segundo Simone de Beauvoir, “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOTO, Cássia Maria. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais.** Disponível em <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm> Acesso em 14 de ago. de 2014.

COSTA, Albertina de Oliveira. **Direitos Tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina.** São Paulo. Ed.34 - 1º Ed. 1997.

DENZIN, Norman K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2º Ed. Artimed, 2006.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>> Acesso em 15 de set. de 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **A revolução das mulheres.** Rio de Janeiro, RJ; Revan, 1992.

HOCH, Lothar Carlos. **Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar do início ao crepúsculo da vida – esperanças e temores.** Ed. Sinodal; São Leopoldo, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim; Araújo, Maria de Fátima. **A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos.** PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2004, 24 (1), 44-55.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios.** Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/rac>> Acesso em: 01 de nov. de 2014.

OLIVEIRA, Paula Barbosa de. **A mulher atual e a representação da maternidade.** Recife, 2007. Disponível em <http://www.unicap.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=114> Acesso em 25 de ago. de 2014.

SANTOS, Kátia Alexandra. **As vicissitudes da mulher contemporânea: ser mãe ou não ser?** Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 09 – n.16 – 1º semestre de 2013 – ISSN 1807-5193

SWAIN, Tânia. **Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade.** In: STEVENS, Cristina. Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares. Ed. Mulheres. Florianópolis – SC, 2007.

XAVIER, Dulce; JURKEWICZ, Regina; BUSIN, Valéria M. **Jovens pelo direito de decidir.** São Paulo: Católicas pelo poder de decidir, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Modelo TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido



AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA BACHAREL EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sou acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade AJES e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a maternidade. Como se sabe, a maternidade é vista pelas pessoas como uma realização para todas as mulheres, o que acaba gerando uma pressão sobre a mulher, sendo que, muitas vezes, a própria mulher não sente a vontade de ser mãe. Assim, com essa pesquisa, quero tentar compreender como as mulheres se sentem a respeito da maternidade.

Para conseguir os dados necessários para este trabalho, peço que me conte sobre o que você pensa sobre maternidade, por meio de uma conversa informal. Informo que nossa conversa será gravada, mas eu mesma passarei essa conversa gravada para o formato de texto e tomarei todos os cuidados para que você não seja identificada, pois eu trocarei seu nome e quaisquer outros dados que possam identificá-la. A conversa acontecerá em um lugar reservado, para que você tenha privacidade e possa se sentir confortável.

Você, ao aceitar participar desta pesquisa, terá total liberdade para responder ou não qualquer pergunta que eu fizer, e também poderá retirar seu consentimento para participar desta pesquisa quando quiser, sem que isso lhe cause nenhum tipo de dano.

Ao assinar este termo de consentimento livre e esclarecido, você terá garantido o seu direito de manter em sigilo a sua identidade, assim, vou respeitar totalmente o seu direito ao sigilo. É importante também, informar que não haverá nenhum pagamento pela participação nesta pesquisa, ou seja, sua participação será voluntária e não contratada.

Você, ao participar dessa pesquisa, fica ciente de que, por meio da sua assinatura, estará dando autorização para que eu possa tornar públicos os resultados obtidos, sempre com a garantia de que sua identidade não será revelada. Informo também que fiz duas cópias desse termo que acaba de ler, sendo que uma ficará comigo e outra com você.

Caso você precise entrar em contato comigo posteriormente, pode ligar no meu celular: (66) 9902-7848. Você também poderá entrar em contato com o Departamento de Psicologia da AJES, cujo endereço se encontra mais abaixo.

Desde já, agradeço a sua participação, ela é muito valiosa para a realização dessa pesquisa.

Leidiany Francielle Franck
Pesquisadora
leidianyfranck@gmail.com

SEUS DADOS:

Telefone: _____

Local e Data: _____

Assinatura: _____

AJES – Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena

End.: Av. Gabriel Muller s/nº - Esquina com Integração Jaime Campos, nº. 145

Modulo 01 – Juina – Mato Grosso

Email: www.ajes.edu.br

Juina, ____ de _____ de 2014

APÊNDICE B - Modelo do roteiro de entrevista



AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA BACHAREL EM PSICOLOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Apresento-me –
- Pergunto nome –
- Idade –
- Onde mora –
- Com quem mora –
- Trabalha –
- Com que –
- Tem religião –
- Cor da pele -
- O que gosta de fazer nas horas livres –
- Casada –
- Ha quanto tempo –
- Quer falar sobre ele –
- Planos para o futuro –
- Tem filhos –
- Quantos –
- Foi planejado –
- Como foi ao descobrir a gravidez –
- Como se sentiu –
- Teve apoio familiar –
- Como as pessoas a sua volta reagiram –
- Como se sentiu a partir da reação dessas pessoas –
- Como foi durante a gestação –
- O que você acha da maternidade –
- Como você vê a opinião da sociedade sobre a maternidade como realização da mulher –

APÊNDICE C - Transcrição das entrevistas

Vitória, 24 anos.

Moro em uma kit net com meu esposo. Estamos juntos há oito anos e oito meses. Nos conhecemos na igreja, porque nós dois éramos da mesma igreja, e lá tem o vínculo de que não pode casar fora... A gente começou a se conhecer na igreja mesmo, depois na escola, e assim, foi... namoramos três anos e casamos. E já tem quase nove anos juntos.

Relação estável? Não. Conturbada? Bastante, bastante conturbada, pouco tempo bem. Muitas brigas, muito ciúme. Mais brigamos do que ficamos bem. Só passamos nesse tempo mais ou menos dois anos de tranquilidade. Brigas direto, ciúmes demais. 99% da parte dele, tanto que não dá tempo pra mim cobrar... Nossa, ele tem muito ciúme. Mas ele tem muita qualidade e por isso a gente vai levando. Nesse período a gente já largou uma vez e voltamos. Briga constante. Só que devido as qualidades que ele tem, acabo preferindo ficar junto. Parte financeira, ele é muito bom pra casa, ele é muito bom... a questão é só o ciúme mesmo, ele é muito ciumento. Já nos pegamos muito feio, até mesmo agora dia vinte e oito a gente quase separou de novo, ele avançou em mim, e eu gritei socorro, e até foi por isso que eu mudei de lá. Só que nunca chegou a me bater, só que na hora do nervoso ele me aperta, me empurra né!

Filhos? Não. Não temos! Tive vontade de ter quando eu tinha quatro anos de casada, deu uma vontade leve e logo passou, e agora não tenho nem previsão. Não tenho vontade mesmo! Aquela questão: ah, já estou com 24 anos, eu já tenho que ter filho. Tenho que ter filho, pela questão de que tenho que ter filho! Mas, que eu tenha vontade, não.

Eu não consigo, eu falo pra todo mundo que eu sou diferente de todas. Todo mundo tem vontade de ser mãe, só eu que não. Ai, eu não me entendo. Minha família critica, principalmente minha família. Todos dizem que eu quero ser rica. Não sei se filho atrapalha né! Mas eles falam que eu quero enricar pra depois ter filho. Não penso assim, não penso nem na riqueza, nem no filho. A questão é que eu não tenho vontade. Já tive. Quando tínhamos quatro anos de casada, depois nunca mais eu tive. Não tenho previsão. Não vejo assim, daqui dois anos eu quero. Até 30 anos

eu vou ter! Mas pela questão de que tem que ter, não por sentir o desejo de ser mãe.

Meu esposo também não tem vontade, já teve também, pouca vez, mas, nem fala á respeito. Nós dois aqui parece que é coisa de outro mundo, nenhum dos dois fala em filho e gostamos muito de criança, só que dos outros. Não conheço outros casais que também pensam assim.

Por isso que eu falo que eu sou desumana.

Trabalho de operadora de caixa há nove meses.

Nas horas vagas eu gosto muito, muito mesmo é de dormir. Mas agora nem dá tempo, por causa da faculdade. Faço faculdade de administração há dois meses. Não gosto muito não, estou pretendendo mudar pra direito, ano que vem. Mas até lá, vou ficar com administração mesmo, uma experiência a mais né. Minha rotina é assim, trabalhar, estudar e dormir. Ai final de semana, principalmente no sábado eu gosto é de uma festinha. Gosto de festa de família, festas da cidade, mas também só final de semana. A gente sai direto. Quando não tem nada pra fazer a gente vai num lanche, num restaurante. Difícil um sábado a gente ficar em casa no final de semana ser fazer nada. Domingo gosto de sair durante o dia, e a noite já estou em casa.

Não tenho religião. Eu era da cristã e to afastada já tem um ano. Ai agora eu estou sem nenhum por enquanto. Eu afastei da igreja porque a igreja cristã é uma igreja muito rígida, como a maioria sabe, ela é muito, muito rígida, o pecado não tem perdão. E como eu e meu marido nos separamos ano passado, nessa separação, eu arrumei um namorado pra cá e ele uma namorada pra lá, e nesse namorado, como a igreja não permite, a gente peço contra a igreja, contra a palavra e contra a bíblia. Tipo assim, eu poderia ficar lá, mas assim, sem liberdade nenhuma pelo resto da minha vida, ai eu preferi mudar o destino. É uma igreja muito rígida né. Muito boa, muito boa, mas, bastante rígida. Ai como eu ia ficar lá sem nenhuma liberdade eu preferi ficar num lugar mais light e agora eu to sem nenhuma. Acredito praticamente 99% no que eles pregam, eu acredito e gosto muito, a questão mesmo foi só essa, que não tem o perdão e não tem como a gente ficar lá se sentindo excluída. To no mundão, como se diz, to sem religião nenhuma, pretendo procurar

uma em breve, mas como estou sem nenhuma eu não tenho exclusão nenhuma, ninguém me exclui, é só essa a questão, mas eu gosto e acredito em tudo.

Minha família a metade é, e metade não! Minha mãe, meu pai e meu irmão são. Minha família mais próxima são todos. Eu nasci na igreja. Eu saí agora. Meu irmão desviou um tempo, mas voltou, e eu não voltei ainda não, e nem pretendo. Pra aquela não. Meu esposo também foi o mesmo caso, quando a gente se separou, acabou nós acabamos transgredindo a igreja, a ordem. Já tem um ano, foi em agosto do ano passado.

Cor de pele? Morena.

Planos? Tenho, tenho planos de faculdade, tenho vontade de ter faculdade, trabalhar pra ganhar mais, pra quando tiver bem mais velha aposentar com um salário bom. Tenho vontade de ter uma casa e um carro, em breve. Meu plano é esse, estudar. Mas assim, eu tenho muito vontade de trabalhar como empregado, meu pai fala sempre Vitória, você tem que trabalhar pra ser patrão, e eu não vejo assim, eu vejo que tenho que estudar, me formar e trabalhar para ganhar bem, pra quando me aposentar, me aposentar com um salário bom. Mas a questão de ser patrão, no meu ponto de vista, eu não acho o certo pra mim. Meu pai toda vida trabalhou por conta, então, acho que ele vê dessa forma né. Minha mãe também. E como eu sempre trabalhei como empregada, pra mim que eu tenho que continuar como empregada. Pode ser que muda, mas por enquanto é essa minha intenção. Trabalhar e estudar, ter um estudo pra ter um emprego bom. Pra poder eu e minha família ficar mais tranqüila. Meu marido já é meio diferente de mim. Ele não pensa muito em estudar, ele não pensa muito em futuro não. Ele gosta muito de viver o momento. Se ele ganha mil, se ele ganha cinco mil, ele gasta tudo hoje ele não quer nem saber se amanhã vai passar fome, o importante dele é hoje. É dessa forma, ele não pensa muito no que quer amanhã. Ele fala que quer uma casa e um carro pra ter uma vida razoável, confortável, mas assim, estudar, ter um salário bom, ele não pensa assim, pensa só em viver hoje.

Como você vê a questão da maternidade? No meu pensamento, cada um é cada um. Não sei... eu não tenho vontade. Vejo que todo mundo tem... como eu já te disse, acho que sou meia diferente. Sou meio desumana. Por causa que eu não tenho vontade. Minha família todos tem. Meus primos, todos já tem filhos e eu não

tenho vontade. Eu fico meio encabulada de vez em quando, porque eu não tenho vontade. Procuro a vontade dentro de mim, entende, procuro ter a vontade. Mas eu não me vejo. Eu me acho estranha porque os outros comentam muito né. Como não vai ter filho?! Porque não vai ter filho?! Isso é mentira. Ai eu acabo me encabulando porque que é mentira. Porque todo mundo fica em cima né. Ninguém deixa barato não. Eles perguntam quantos anos você tem de casada?! Ah, tenho oito anos e meio. Aí a critica é enorme. Não teve filho, não vai querer ter filho... ah, você vai ser uma mulher infeliz... vira aquele “converseiro” todo, e a gente acaba encabulando.

Você é feliz? Sim. Eu acho que não precisa, no meu ponto de vista, não precisa ter filho pra ser feliz, mas tem aquela questão de que todo mundo fala que não vou ser feliz por causa do filho a gente acaba comprometendo né. Todo mundo fala, um casal sem filho não é feliz, o casal não tem felicidade, a casa que não tem criança não tem felicidade, não tem paz, só que no meu ver, eu acho que não tem nada haver. Eu só acho assim, nessa tribulação que eu e meu marido vivemos, com uma criança, ia só judiar dela. Só que também não é por isso que eu me amarro. Eu só acho assim, os outros falam que criança traz felicidade, mas nesse caso aqui a criança ia sofrer junto comigo e junto com ele. Não acho que a criança ia mudar tudo isso. Isso é o que eu penso, mas o que os outros falam não, que a criança vai mudar tudo isso. Porque a nossa questão só é o ciúme mesmo. Então a criança é essa parte. Mas acho muito lindo, não ignoro quem pensa ao contrario. Mas eu penso assim. E me acho estranha porque os outros criticam muito e eu acabo me achando estranha. Não tenho curiosidade da gestação, não tenho curiosidade da amamentação, diz que é uma parte muito boa, mas em mim não cabe o desejo, ainda... pode ser que isso mude. Eu não tenho medo nem vergonha, como eu disse minha vida é um jogo aberto.

Me incomodo com o que os outros dizem. Fico muito pra baixo, e tem vez que eu prefiro nem ficar perto da minha própria família. Eu digo a família porque são as pessoas que eu mais convivo né. No serviço ninguém vai ficar entrando na minha vida pessoal, então lá eu acabo não conversando com ninguém, então, ninguém fica sabendo. Mas entre a família, como todo mundo me conhece quando a gente senta junto é só pra me criticar. Então eu acabo chegando em casa constrangida e acabo não querendo se unir com eles. Ai eu acabo pensando, eu vou ter que ter um filho

pra calar a boca de todo mundo. Só que ai eu vou lá e volto cá, não vou ter um filho só pra calar a boca deles. Não é o que eu quero, ai eu fico nesse jogo de empurra...

Não tenho o que esconder, nem mais a declarar... não tenho vontade, acabo querendo por causa dos outros... meu marido também não me pede... a gente nem fala sobre filho... referente a parte do sentimento profundo dele eu nem sei. Ele nem comenta, nem fala. Só que eu também não falo pra ele que eu não quero. Eu falo assim que eu não tenho vontade, que eu sou estranha, eu chego em casa constrangida por causa da minha família de vez em quando ai ele pergunta o que ta acontecendo, ai eu falo que minha família diz que eu tenho q ter filho, que to na idade boa, mas eu falo que não quero e ele não fala nada. Ele só fala que a gente tem que fazer o que a gente quer, se a gente não quer a gente não vai ter. Nós conversamos bastante sobre nos, sobre o futuro.

Emanuela, 20 anos.

Nasci em Juina, moro aqui desde sempre. Não estudo, parei na 8º serie. Eu tentei voltar pra escola quando ganhei meu segundo filho, mas ai veio o terceiro, daí eu desisti. Tenho vontade... vou esperar ela crescer pra mim voltar, porque não da certo com bebe pequeno. É complicado.

Não trabalho. Só em casa. Moro com meu esposo, tenho três filhos.

Religião? Sou católica. Participo da igreja, desde que eu casei... mas ele não vai, ai vou com minha sogra. Antes eu era evangélica, e há sete anos passei pra católica.

Considera-se que cor de pele? Branca.

O que faz nas horas livres? Não tenho hora vaga, (risos). Cuido das crianças de manha à noite. É 24 horas cuidando. A gente brinca bastante, principalmente eu... porque o pai deles nunca esta presente, ai eu tenho que brincar pelos dois. Aí tenho que ter atenção dobrada em cima dela, pra não machucarem ela. Ai é assim de manha até a noite... o pai é motorista e ele nunca ta aqui, nunca da certo... quando ele tira, é uns dois dias né.. ele viaja bastante. Ai quando da certo eu vou junto, só que eu viajo bastante com ele... eu gosto, é bom q a gente vê caras novas... a gente conversa mais...

Eu me sinto mal quando ele esta longe, porque é difícil a gente cuidar de três crianças sozinha, na hora do banho, a hora de dar uma janta é bem complicado.. eu me sinto sozinha.. desacompanhada. Não tem muita diferença da mãe pra mulher, porque o sentimento é o mesmo... de um jeito ou de outro eu me sinto sozinha... quando eu casei com ele, no mesmo tempo ele já virou motorista né... então foi tudo ao mesmo tempo né... ai já tem sete anos. Eu casei com treze anos e engravidei com 14 anos. Quando descobri que estava grávida eu fiquei feliz e ele ficou feliz... foi uma felicidade só, não me arrependi... os dois primeiros foram planejados... ai eu tinha um casal, e estava feliz... meu sonho sempre foi ter um casal. Ai dessa daqui, eu estava tomando remédio, eu descobri já estava com três meses, daí eu não aceitei... eu não aceitei porque eu já tinha dois, já era complicado dois, pra mim cuidar sozinha.. um terceiro achei que não ia dar conta.. e muito também pelo o que os outros iriam falar.. tanto que eu entrei até em depressão, eu estava tomando até antidepressivo até o final da gravidez... eu tinha muito medo no que os outros iam pensar.. iriam falar, mesmo eu sendo casada.. passava de tudo na minha cabeça, eu saia na rua e parecia que todos estavam me olhando.. todo mundo apontando.. tanto que eu nem saia de casa.. na gravidez,, eu não saia.. eu vim aceitar mesmo a minha gravidez com 6 meses, que eu vim pensar melhor.. porque eu vi que era uma menina... acho que se fosse um menino eu não ia aceitar.. eu não sei por quê.. não sei te explicar.. é porque menina encanta mais né.. ai quando eu descobri que era uma menina ai eu passei a aceitar melhor.. mas ai eu acho que se viesse menino eu ia amar do mesmo jeito... porque depois que eu vi ela, tudo mudou completamente,.. até as coisas que eu falei na gravidez eu me arrependi muito.. até hoje eu peço perdão a Deus.. eu falava que não queria que nascesse, que eu preferia que nem vinha, ia atrapalhar, incomodar.. ixi, daí pra pior.. meu esposo desde o começo ele ficou feliz.. na verdade foi ele quem me apoiou, ele quem conversava comigo.. e falava que ia dar tudo certo.. que ia ser bem vinda... minha mãe ficou bem feliz, eu fiquei mais preocupada com o que minha sogra ia dizer, porque ela sempre falou.. pra que tanto filho, um já basta... ai eu tinha medo né.. fiquei pensando com dois ela já falava, imagina quando viesse o terceiro.. a gente não se da mal, mas a gente não se da bem... sempre foi muita briga, muito ciúmes dela.. aí eu tinha medo do que ela ia me julgar, comentar com os outros.. mas na minha frente ela sempre apoiou, sempre me deu forças.. foi diferente do que eu pensei... meu esposo era quem me tranquilizava, quanto a isso.. ele falava, a gente

é casado, a gente tá junto nessa... não importa o que os outros falam.. isso ajudou, porque se ele me falasse.. não, não quero mais, dois está bom.. eu acho que eu ficaria pior do que eu já estava, porque você já não tem o seu próprio apoio né, e você não ter o apoio do marido, que é o seu companheiro, é pior ainda.. aí eu fiquei mais tranquila né.. um bom marido, um bom pai... minha filha ficou bem feliz, ainda mais quando ela descobriu que era uma menina.. agora vou ter uma maninha pra brincar de boneca... porque o irmãozinho dela não brinca.. aí ela ficou bem feliz... porque pra criança, tudo tá bom...

Planos? Eu penso em terminar meus estudos, fazer um curso, uma faculdade.. mas daqui uns 4 ou 5 anos.. até ela pegar uma certa idade..

Maternidade pra mim é você dar tudo de si pra outra pessoa né, porque a outra pessoa depende totalmente de você.. tanto na barriga, quanto depois, fora.. porque na barriga depende de você pra comer, pra beber.. e fora depende de um banho, de um carinho.. de um leite.. pra mim é tudo né... mesmo eu não aceitando uma terceira gravidez, depois que ela nasceu eu vi que era uma bobeira, porque nossa... eu amo tanto essa menina... não tem explicação, acho que o amor é muito maior..

Eu sentia muita angústia, uma dor dentro do peito.. e eu fiquei até sem comer, tanto que eu engordei só 2 kg na gravidez.. eu não comia, eu mais chorava do que comia... mas assim, eu não cheguei a tomar remédio, nem nada.. porque desde o começo me perguntaram se eu ia abortar, aí eu falava que não tinha coragem... porque é uma vida, você querendo ou não, é uma vida.. então não tomei remédio, não tomei nada.. entreguei nas mãos de Deus.. eu ficava praticamente o tempo inteiro sozinha.. tanto que eu também não ia nas consultas com o médico.. não queria nem saber.. sabe quando você não quer nem saber.. quer deixar de lado.. aí depois que eu comecei a ter alguns problemas que eu comecei a ir no médico, a pensar melhor.. eu tive começo de aborto... no começo, e quando estava prestes a nascer, eu descobri que ela não tinha crescido nem desenvolvido.. e nisso eu fiquei desesperada.. aí pensei poxa, meu bebê está pra nascer e não pode nascer agora, porque o médico me falou, se ela nascer agora, não vai resistir.. aí eu entrei em desespero... tanto que eu comecei a comer melhor... comecei a tomar bastante líquido.. ela nasceu bem gordinha, ela nasceu com 2,650 kg, um peso até bom... porque quando eu fiz ultrassom com 8 meses, ela estava com 1,800 kg.. então ela engordou bem... quando eu fui pra ganhar ela eu estava com muito medo..

preocupada.. fui chorando.. eu nem sabia que ia ganhar ela naquele dia.. eu fui fazer uma consulta, porque eu estava com contração há um mês... eu estava tomando até remédio pra ver se passava.. só que aumentou tanto que eu não conseguia nem andar... achei que ele ia passar um remédio, e me mandar embora, mas ai já fiquei por lá.. foi parto cesário.. todos foram... a recuperação foi tudo bem..

Eu fiquei desesperada... tanto que eu passei com psicólogo e psiquiatra, ambos falaram que eu estava com depressão.. ai eu tinha que tomar remédio até pra dormir.. que a noite eu não dormia.. eu ficava pensando, meu Deus como eu vou fazer com três.. vou ter que me desdobrar sozinha.. ai eu passava varias noites de dormir, não comia direito.. o pouco que me ajudou foram os remédios, comecei a dormir melhor, a pensar.. tomei até o fim da gravidez.. achei que até o 6 meses eu não precisaria mais tomar.. mas ai eu continuei, porque o medo da psicóloga era eu ter depressão pós-parto.. e eu também tinha medo... eu pensava bastante.. tinha medo de nascer e eu rejeitar.. mesmo a gente não querendo acontece.. eu tinha medo de rejeitar, não da mama.. não querer nem ver.. mas graças a Deus isso não aconteceu, foi ao contrario...

Observação: “O esposo tem 30 anos... Ela escondeu a gravidez da sogra durante um mês e pouco... Ela descobriu a gravidez quando ela foi ao medico pra colocar o DIU, porque ela e o marido tinham resolvido que não queriam mais filhos. Eles já tinham um casal e já estava bom dois filhos... ela teve um choque.. não aceitou, escondeu... tomou antidepressivos durante a gravidez toda... só começou a aceitar após o sexto mesmo de gravidez, com o apoio do marido.”

Ana Laura, 31 anos.

Concursada técnica de enfermagem cadeia municipal, por aproximadamente três meses... Gosto do que faço, pretendo abrir uma clinica porque tenho uma outra formação mas por enquanto vou seguir nessa que estou.

Moro em Juina, modulo quatro, com meu namorado, nos moramos juntos há uns sete anos, mas de relacionamento uns dez anos.

Ele é professor concursado no município e no estado, moramos só nós dois, aqui na cidade de familiares tenho o meu irmão e meu sobrinho, filho dele e a setenta

quilômetros daqui num sitio tem meu pai e minha mãe, agora a família dele mora em Paraná.

Tem religião? Fui educada pelos meus pais na religião católica, porém eu não sigo nenhuma religião. Sou neutra, pois respeito todas, não defendo nenhuma, fui batizada, fui crismada na católica. Minha família são todos católicos sempre seguem a igreja são católicos mesmo. Não concordo com algumas coisas que a igreja católica tenta impor como por exemplo umas das questões que eu não concordo é o divórcio, você não pode se divorciar, eu não sou obrigada a conviver com uma pessoa que eu não dei certo porque casei, eu casei acreditando que aquilo ia dar certo, mais não deu certo, eu não me sinto obrigada a continuar casada. Então isso foi uma das coisas que me desanimou bastante, por que eu já fui casada na igreja, além de batizada, crismada ainda fui casada na igreja aí a partir do momento que eu me separei que eu fiquei sabendo dessa questão, e da questão da hóstia, meu namorado atual não pode tomar a hóstia porque convive comigo no caso nos somos adúlteros. Então prefiro me manter distante e não participar, fora outras coisas, mas essas são as que mais me incomoda.

Você acha que a igreja ela tem influência na questão da maternidade? Não, nenhuma pelo menos comigo não. Anteriormente fui casada três anos.

Você se considera de que cor? Branca

O que você gosta de fazer nas horas mais livres? Eu gosto de fazer nada, gosto de viajar mais isso não é nas horas livres... e você quer saber das horas livres. Eu gosto de ler um livro às vezes me manter em silêncio fica só comigo mesmo e outras vezes ao contrário, sair com amigos, tenho colegas que saio, sempre chamo pra sair pra comer, gosto de frequentar lanchonetes, não gosto de sair pra shows, festa, esses tipos de lugares, roda a noite isso não, algo mais tranquilo, saio pra jantar e retorna pra casa. O máximo que fico na rua, até uma hora da manhã e já to em casa, é que aqui em Juína também não tem muita opção e o que tem em Juína eu não gosto, sertanejo não gosto.

Planos pro futuro? Assim, pretendo abrir a minha clínica, pretendo me especializar em atendimento infantil, ampliar minha casa, pretendo morar numa casa confortável e trocar de carro, mais é assim, eu sempre trabalho pra ter conforto não pra ficar rica que isso eu tenho certeza que eu não vou ficar, mais quero viajar, uma das coisas

que gosto é conhecer coisas novas, novas culturas, novas pessoas, novas formas de ver o mundo, as atualidades, o que acontece, e o que até já aconteceu, os museus, as histórias, gosto muito de história, em mente o que tenho é isso. Mas, o que mais prezo é pelo conforto, por que assim agente trabalha tanto, o mínimo é chega em casa e ter um conforto.

Tem filhos? Não. Pretende ter filhos? Então, primeiro eu queria ter uma casa e depois um carro, depois eu queria ter a faculdade ai depois eu percebi que isso era só uma forma de adiar a maternidade, então, hoje se me perguntarem eu falo que não quero, não vou falar que vou pensar assim sempre, pode ser que ano que vem, daqui cinco anos eu possa mudar de opinião, mas assim isso era o que eu pensava ha cinco anos atrás e já se passaram cinco anos e eu ainda não mudei de opinião, mas nós sempre podemos mudar, mas hoje não, filhos não esta nos meus planos. No início meu esposo não concordava, com o passar do tempo conversando com ele sobre isso ele passou a concordar, porque a gente já esta casado há dez anos então as idéias tem que bater pra manter um relacionamento longo né, aí ele passou a concordar.

Muitas pessoas não aceita essa questão, não eu não quero ter filho, parece que é uma obrigação, você é obrigada a ter, mais eu não me sinto obrigada eu vejo filho como uma opção, você pode escolher se você não pudesse escolher não existiria a pílula anticoncepcional, então a partir do anticoncepcional, tem a pílula do dia seguinte e você decide se pode e se você quer ter filhos.

E como você se sente quando chega a comentar com as pessoas sobre a sua opção? Então dependendo da pessoa eu falo: não por enquanto eu não quero e já encerro a conversa, e quando eu vejo que a pessoa e daquelas que vai insistir na questão, não você tem que ser mãe ai então e já falo: não, agora eu não quero, ai quando eu vejo que a pessoa e mais aberta, ai eu falo: não por enquanto eu não quero, não esta nos meus planos mais também não vou te fala que daqui cinco anos eu não possa mudar.

No inicio eu me sentia muito mal, eu tenho magoa, eu não quero a opção é minha, a escolha é minha né, você tem ou não, eu não sou contra você ter, mais agora aceita a minha opção, só q assim, agora eu já parei com isso, se aceita tudo bem se não aceita é o que eu penso e isso é o que importa pra mim agora, que é o que eu

quero, não adianta eu ter um filho, pressionada pela sociedade, pela as outras mulheres e até homens, já me falaram que, se você não tiver um filho você não é realizada como mulher, discordo, não vejo assim a maternidade, você tem que querer, você querendo eu penso assim já tira um pouco da sua privacidade ai você imagina se você já não tiver muito afim como que você vai se sentir em ser mãe e não acredito que seja ruim de forma alguma, por que até hoje eu não vi nenhuma mãe se arrepende de ser mãe.

Eu quero viajar, eu quero ter a minha liberdade, liberdade pra mim é tudo sabe, até então que eu e meu marido conversamos sobre isso, eu sou livre e ele também é livre, só que cada um sabe até onde sua liberdade vai, ai se você quiser ultrapassar seu ponto você vai ter consequências, caso contrário a liberdade é sua você faz o que quiser, e eu acho assim eu não consigo se fosse uma pessoa que tentaria me prender, a gente já não estaria junto, mais tipo assim é questão de liberdade mesmo.

Você sente o desejo de ser mãe? Não, no momento não, em momento algum eu não senti essa vontade, às vezes eu falo que não fui picada ainda pelo mosquitinho da vontade ou da maternidade, pode ser que ele me pique ou não, quem sabe. A minha mãe me cobrou muito, minhas tias não, elas são bem tranquilas, a opção é minha, mais não, a minha mãe nunca aceitou. Assim, hoje ela não cobra, mas não significa que ela aceitou essa questão ainda, ai assim, ela era louca pra se avó eu sou a mais velha, meu irmão é oito anos mais novo que eu e já esta com filho de quatro anos, então assim, quando ele teve o filho que a namorada fico grávida a minha mãe vai realizar o sonho dela de ser vó e vai parar de pega no meu pé, e realmente foi o que aconteceu, hoje ela já nem toca mais nesse assunto, ela sabe qual é a resposta, meu pai já é tranquilo em tudo o que eu decidi em minha vida, meu pai não foi de interferir, tudo não, a única coisa que meu pai não queria é que eu estudasse, logo estuda que era uma das coisas que eu mais queria, foi a única coisa que ele tentou tirar, mais não conseguiu, agora do restante o que eu quisesse fazer, o que eu decidir fazer é sempre minha escolha, ele sempre conversa assim, é realmente isso que você quer e tal, mas ele não fala você tem que fazer isso, melhor você fazer assim, não isso ele não fala.

Como sua família vê a maternidade? Então, pra eles é aquela questão casou, e casado é feliz tem que ter uma família, a família completa e a família com filho, é

aquela tradicional, só que assim, no início era aquela coisa assim tem que ter, principalmente pela parte da minha mãe mais assim hoje ela já não vê essa questão tem que ter um filho, e agora assim, teve uns problemas pelo meu irmão ter se separado da mãe do filho dele, então recaiu muito a atenção deles pro sobrinho em relação a educação a saúde é tudo do meu sobrinho ai então já desviou a atenção um pouco sobre essa questão de ser mãe. Meu relacionamento com meu sobrinho é ótimo, toda semana vejo ele, eles falam que ele é meu puxa saco, se eu não for buscar ele, ele cobra e pede pra liga pra mim buscar ele, então é assim é muito bom assim, sem responsabilidade.

Que tipo de sentimento você sente por ele? De sobrinho e tia coruja, tia super coruja, quando ele nasceu a minha mãe chegou fala, ah quem sabe agora você também, não nem adianta não tenho vontade nessa questão de ser mãe, até a questão da guarda já foi conversado sobre a guarda dessa criança, já falou pra eu tentar pegar mais eu não quero pegar, nem adoção, não quero, não é o momento agora não é o que eu quero, eu quero ele como meu sobrinho tipo assim ele vem aqui brinca eu conto historias, compro brinquedos, compro livros mais eu tenho meu momento com ele, mas ele é da mãe dele, isso é bem definido, ele é meu sobrinho eu quero ele sempre aqui, final de semana ele vem sabe mais como meu sobrinho e a responsabilidade é da mãe dele, tanto é que qualquer coisa que acontece se ele cai se machuca a primeira pessoa que ele pede é aqui é mãe, então eu não tenho condições pra isso, até conversei com a minha mãe sobre essa questão de querer a guarda dele, filho é da mãe, tem que deixar com ela, ela cuida bem dele, então não vou tira, ele vai sofrer, ela vai sofrer, então não vou fazer isso, eu vou participa disso.

Assim como mulher, eu me sinto realizada eu não vejo essa necessidade de ter filho né, porque sei lá, não é meu momento ainda, as pessoas me vêem como uma pessoa estranha, como alguém... não já me chegaram a falar que eu sou uma pessoa sem coração, aonde já se viu não quer ter um filho, sim, não tiro essa admiração, mais é assim é o que eu quero., e nesses casos eu me sinto incomodada, me senti chateada com a pessoa por não entender, só que depois, não tudo bem ela não e obrigada da mesma forma que eu não sou obrigada a aceitar o que ela me disse e ela também não é obrigada a aceitar o que eu penso.

Mais você não chegou a leva pra você? Não, não tranquilo, no momento ali fiquei chateada, alterei até com a pessoa mais assim depois foi tranquilo sabe, eu sempre

falo religião e questão de ter filhos, geralmente as pessoas me olham assim assustadas “como que ela não segue a religião, como que ela não quer ter filhos” isso sou eu, não preciso da pessoa me aceita, ela me respeitando já ta bom, hoje já não me incomoda, mas já me incomodo, mas só por isso eu falei vou ter um filho só por que... isso não, filho não é pra isso só pra você mostra, ah já vieram me fala que eu ou meu marido temos algum problema pra engravida ai fica dando essa desculpa que vocês não querem até isso já chegaram a me fala, mas não é nada disso é questão de opção mesmo, sempre tomei anticoncepcional ai quando estava fazendo meu tcc eu esqueci alguns ai eu tive que para e toma a pílula do dia seguinte e o uso da camisinha, acho q foi a época que eu fiquei com mais medo de engravida foi essa mas não aconteceu, ai voltei a anticoncepcional tranqüilo.

Joana, 53 anos.

Moro sozinha aqui em Juina desde 2009, vim sozinha de SP, minha família esta toda lá e eu to aqui. Não pensei em voltar não. Assim, todo fim de ano ir visitar ou toda possibilidade de ir viajar, mais voltar pra mora em SP não tenho vontade, me adaptei bem aqui em Juina. Era uma proposta de vida minha, não pra Juina, mas pra uma cidade menor, que São Paulo já é bem estressante pra mim, já deu o que tinha que dar.

Já foi casada? Já morrei junto, vivi vida de casada mesmo, mas fiquei um ano só casada, namorei quatro e fiquei um ano casada. Não foi uma experiência muito boa pra mim essa convivência a dois, não sei, também não era muito nova por que tomei essa atitude com trinta anos, mas, eu pensava outras coisas, buscava outras coisas e esse relacionamento foi meio que, não muito satisfatório, na realidade, quando eu assumi aquele compromisso, foi mais uma preocupação pros outros parar de me enche o saco, porque eu estava ficando encalhada, solteirona, do que outra situação, só que no primeiro momento eu até achei que iria dar resultado, mas ficou mais complicado depois, porque agora com as coisas que eu falo com a minha ocupação, quando eu falo que já fui casada (ah mais você já foi casada, nunca imaginei que você tivesse sido casada) então o efeito, foi um efeito colateral, em relação a isso, mas na época, nos trinta anos, era uma cobrança, do tipo (olha precisa casar, olha precisar ter filho, olha porque seu relógio biológico já esta passando, olha porque depois ter filho velha não adianta, olha que depois com

quarenta você criar filho, você vai ter cinqüenta ano e um filho de dez vão acha que é seu neto e essas coisas) então aconteceu um relacionamento, um namoro e depois decidimos morar juntos e acabou ficando um ano só, não é pelo nível intelectual, nós tínhamos uma diferença intelectual muito grande, mais eu acredito mais na questão da postura bem machista que ele tinha, um nordestino bem ferrado sem discriminação nenhuma, mas daqueles bem cabra da peste, aquelas coisas assim, que queria tudo na mão, então, quando você ta com um namorado é tudo tranquilo, mas quando você ta em casa é tudo sobre sua responsabilidade é tudo na mão, ai ponha comida no prato, pega aquela camisa, ai que é isso aquela coisa, pega a toalha pra mim e assim mil coisas, na época já trabalhava dando aula, trabalhava o dia inteiro na UNIMED, trabalhava dando aula no colégio a noite, voltava pra casa meia noite e levantava as seis da manha e ai no final de semana, tinha toda a atividade doméstica, toda aquela situação, e ele também trabalhava mais não tinha divisão de trabalho e isso pra mim foi ficando bem complicado, na época não dava pra paga alguém pra fazer essas atividades e isso foi ficando estressante, até o momento que eu peguei e decidi, acabo, realmente acabo, fiquei no apartamento. Mais o engraçado, muito engraçado eu que mesmo com essa situação eu já tomava chifre, porque ele tava comigo e já tava com outra na mesma situação, nesse momento quase fiquei grávida, por insistência dele, aquela coisa de quer ter filho que todo homem tem que ter um filho, mais não me senti segura, nem comigo mesma nem com a relação pra você ter um filho e ai acabei realmente não tento, eu também não sei se posso ou não ter filhos, pois nunca fiquei grávida, na época que eu tava casada com ele eu não tinha as prevenções, não usava um preservativo não tomava um anticoncepcional, o máximo que eu fazia era a tabelinha e nunca fiquei grávida, nunca fiz nenhum aborto, sou a favor do aborto, mas nunca fiz nenhum aborto, não precisei a fazer isso, então eu não sei até hoje... E depois um relacionamento que eu tive ele tinha vasectomia então era só alegria, não tinha que me preocupar com nada. E a gente separou, fiquei um tempo separada, não sei por onde ele anda, desde 92 não tenho informação nenhuma dele, mas como toda separação de uma relação de um ano, foi bem desastrosa, dolorosa, ai tem aquela coisa, ai eu vou levar isso, e eu vou levar aquilo, então, foi bem complicado. Ai depois desse relacionamento eu não me envolvi com outros relacionamentos assim, desestruturados. Hoje eu olho e penso se era eu que buscava aquelas coisas desestruturadas ou eram coisas que aconteciam mesmo,

porque eu tive uns relacionamentos bem doidos mesmo. Bem atípicos, do que se pode imaginar... esse rapaz que eu fiquei dez anos, aquele que falei que tinha vasectomia, ele era policial federal, e ele fez gato e sapato de mim. O pessoal acha que não, mas eu sofri muito com certas situações, e aí as coisas foram ficando... depois dele, os relacionamentos foram sempre assim, que não davam margem para uma relação mais duradoura. Agora não sei também, se é o perfil que eu faço, depois quando vem na vida privada, descobre que eu sou uma pessoa totalmente bem diferente, aí eles ficam meio que perdidos. Eu tenho o fato engraçado, logo depois desse caso meu, eu tive um professor, gaúcho por sinal, um caso até interessante, mas enquanto ele achou que eu era largada, que eu era assim, queria sexo e farra, era bem tranquilo, mas a primeira vez que ele foi até minha casa, e minha casa era toda organizada, tudo certinho... até porque esses dias veio uma aluna e disse, nossa, sua casa parece que é uma casa de boneca, aí eu até pensei, será que meu estereótipo não condiz com a casa que eu tenho, achei meio estranho isso. Mas me rememorou esse episódio, que quando ele entrou na minha casa a primeira vez, ele falou, nossa, mas você tem um lar, aí eu parei e falei, mas o que você achou?! Que eu morava onde?! Num puteiro, com calcinha vermelha pelo teto?! Não sei... ele ficou surpreso mas acabou nem respondendo, mas aí as coisas não acabaram dando certo... então, eu não sei se esses relacionamentos conturbados ficaram nisso, daquilo que as pessoas vêem em mim, mas eu realmente não sou. E até que ponto eu não quero mostrar o meu jeito, até mesmo por uma questão de defesa, sei lá.

Minha irmã sempre me disse que eu deveria ter feito terapia, na verdade acho que eu ainda vou fazer. Talvez isso, venha sempre, desde a adolescência, porque eu não sei se eu me achava feia, se eu tinha aqueles complexos babacas da adolescência, então eu achava que tinha problemas com relação aos meninos, que os meninos nunca me olharam, e aí eu fazendo realmente um escudo de proteção, e isso por outro lado, acabou canalizando a questão dos estudos. A minha mãe foi um forte divisor de águas, a minha mãe, era uma mãe pra lá de presente na minha vida, como na das minhas irmãs, então eu olhava pra ela e dizia, se um dia eu for mãe, eu vou ter que ser mãe como minha mãe. Mas no mesmo lado que eu olhava e falava que queria ser mãe como a minha mãe, eu falava, não quero ser a minha mãe. Porque eu não quero um marido que mande desse jeito, eu não quero filhos que

sugam, eu quero ter outra vida, quero viajar, conhecer, aprender. Então essa foi sempre uma ambigüidade. Chegou um ponto que eu tive que realmente optar. E eu e minha Irma mais velha, acho que já tinha um guru na nossa vida, que morreu no incêndio de Joelma em 74, ele era homossexual, assumido, e como todo bom homossexual, tinha uma percepção aguçadíssima, tinha uma cultura fantástica, pra época, era já estudado. E ele sempre colocou a necessidade de estudar, de não reproduzir aquela mulher que tava na minha mãe. Então ele começou a mostrar esse outro lado, foi ai que eu acabei amarrando a coisa e indo buscar o estudo e fui embora. Sempre também com o apoio da família. E tem um outro fator, na minha época, pra conseguir os estudos que eu e minha Irma teve, tivemos que ir contra muitos padrões, brigar por espaços. E talvez essa forma de ser, exterior, tenha endurecido por causa disso, porque tinha que brigar muito, pra poder chegar tarde, pra poder ir viajar. Então meu pai é daquela época que, ah, você tem que chegar em casa onze horas quando foi sair. Como vou chegar onze horas se durante a semana eu chego a uma, porque trabalho o dia inteiro vou estudar e chego a uma. Então, porque pra se divertir, pra ter prazer tinha que chegar as onze horas.. ah, porque todo mundo chega as onze horas. Então, eu e minha Irma tivemos que quebrar esse paradigmas. E coisas do tipo que são tradições e se perderam ao longo, minha amigas davam muita importância, eu já achava tão absurda, tais como, festa de quinze anos, eu olhava e achava tão sem propósito, porque eu como mulher tenho que me expor aos quinze anos desse jeito. Essas conversas eu não tinha com minha mãe, ela brigava muito porque nós tínhamos que aprender as questões de casa. Uma vez, eu estava na quinta serie, e voltei da escola e eu queria pegar um livro pra mim ler, lembro até hoje do livro, a rainha da neve, nunca mais vi aquele livro naquela versão, minha mãe simplesmente picou o livro porque eu não quis ir lavar louça. Então foram essas memórias que foram falando, não é bem isso que eu quero não. E a gente brigava, eu e minha mãe. Mãe, mas criança tem que brincar, estudar e não lavar louca, encerrar... mas por outro lado era a única maneira que a gente tinha como ajudar. Então, essas brigas de paradigmas tenham ficam muito mais serias comigo. E a questão de dois homens na minha família, tanto meu pai, quanto meu irmão, não são homens de compartilhar. E o que eu esperava de um relacionamento é isso, compartilhar as coisas, que nem hoje tem, imagina há quarenta anos atrás. Porque eu já tinha esses questionamentos, nem sabia o que era gênero. Meu pai, uma vez falou, você não faz nada, tem quatro mulheres aqui

em casa pra que?! Meu irmão é o único que não tem universidade, que ainda esta encostado no pai. Nós, as três, somos totalmente independente. então meu irmão teve toda uma questão de proteção, porque minha mãe perdeu um filho, um menino, e ai depositou nele toda a expectativa. Entra no campo religioso.... enfim! Eu quando olho pra minha família, não tem nenhum homem que eu falo, ai, que vontade de casar e ter um homem desse. Alguns amigos que eu vejo e falo assim, ah, até que daria. Mas talvez é uma expectativa de homem que eu criei e não exista. E depois acabei ficando numa zona de conforto. É melhor ter caso por ai. O relacionamento com o rapaz da policia federal, ele me propôs uma coisa na época, que eu achei u absurdo, olha como eu sou contraditória. Porque o seguinte, isso foi nos anos 90, mas também tinha uma pressão, porque como a gente namorava, e ele era policial federal, ele nunca tava em festa de família, eu estava sempre sozinha, até o ponto que essa minha Irma que é psicóloga, disse pra minha mãe, ela ta inventado esse namorado, eu nunca vi esse namorado, eu morava sozinha, porque foi depois do casamento. E eu também fiquei muito acuada com as pressões familiares, e eu comecei a dar uma pressão, e aquilo que era legal, passou a ficar.. e ai, quando você vai lá em casa, almoçar, quando vai namorar comigo... e começou essa situação, e uma vez ele falou, tudo bem, eu assumo você, mas assim, eu moro na minha casa e você na sua. Eu achei um absurdo.... e hoje eu penso o seguinte, se eu tivesse feito isso naquela época, eu estaria com ele, provavelmente até hoje. Você não é o tipo de mulher pra ficar no tanque lavando calça jeans, e ao mesmo tempo eu tinha essa contradição, porque tinha uma pressão familiar... não familiar, social, em cima disso. Ser solteira na nossa sociedade, assumir uma posição sozinha, é muito mais difícil do que ser uma mãe solteira, uma piriguete, algo do gênero. Porque é pressão de todos os lados, porque você obrigatoriamente você tem que ter tempo, tem que ter dinheiro, ter disposição, ou seja, tem que estar bem, mas por outro lado você ainda é a coitadinha, porque você ainda é a enalhada, então você não entende em que posição você fica.

Olha, hoje eu me sinto tranqüila em relação a isso, mas eu não vou dizer que em alguns momentos você ficava com altos e baixos, com depressão. Eu quando rompi com esse namorado, eu entrei em crise de depressão terrível, quase me matei, e acabei saindo por causa de amigos, e na família, tudo perfeito, a família geralmente não detecta. Eu entrei numa depressão tão profunda e quem me deu suporte foram

amigos, amigos que eu tenho até hoje, que acabaram me ajudando, e a minha família até hoje não sabe o grau de sofrimento que eu tive. E eu lembro que uma vez eu fui conversar com minha mãe, eu disse, mãe, preciso falar com a senhora, eu to muito triste, e tal, ai ela falou, qual o seu problema?! E ai a preocupação dela era, que ela achava que eu estava preocupada, porque já tinha passado dos trinta e não tinha um filho. Então olhei pra ela e deixei de lado. E a minha irmã, uma vez eu falei pra ela, eu tentei conversar com minha irmã, e ela disse, ai, pelo amor de Deus, hoje não... então, casa de ferreiro, espeto de pau. Ai o campo religioso acabou entrando na minha vida, que acabou me ajudando por um lado, mas também acabou me mostrando a realidade do campo que é altamente manipulador.

Não tenho religião, atualmente. Passei por varias. A minha matriz é católica, minha mãe é extremamente católica. Eu ia na Igreja, participava, mas até o momento que eu fiquei olhando meio torto porque uma amiga minha acabou fugindo com um padre, e ai eu falei, alguma coisa ta errada, eu tinha meus quatorze anos, ai voltou outro padre, e ai a irmã da que fugiu com o outro padre fugiu com esse padre. Ai pensei tem alguma coisa de errada. Hoje eu vejo o casamento na igreja como uma tradição, uma festa tradicional. E outra coisa, é que já na época eu ficava abismada porque eu tinha que colocar o nome do marido. Então eu falei, não caso pra não colocar o nome de ninguém, quero ficar com meu nome. Minha mãe tinha um sobrenome que meu pai não gostava, e a minha mãe não queria que ele tirasse, mas ele tirou. Eu dizia que queria casar com vestido vermelho, e me perguntava por que tenho que casar de branco pra mostrar que estou casando virgem... hoje eu entendo que são questões culturais. No campo religioso eu passei por tudo, fui católica, budista, freqüentei umbanda, candomblé, hinduísmo, canduísta. Mas pra eu tentar sair daquele caso mesmo, que me levou a loucura, eu fui participar de outras possibilidades. E acabei indo nos centros, acabei lendo tarô, mapa astral, e acabei encontrando uma pessoa na época que me disse que eu tinha sido companheira dele em todas as minhas encarnações, então eu tava sofrendo assim porque eu deixava ele a ver navios. Por isso que ele era policial, porque ele tinha sido guerreiro, e tal, vai ver a piração... e nessa brincadeira do campo religioso fiquei dez anos nesse campo do resgate, então eu me submeti. Por isso que eu falo que a religião é altamente perigosa. Como ele também acreditava nessas coisas mais exotéricas, ele me coagia, então ele falava que fazia desdobramento, ia até em casa

ver como eu estava, olha que loucura.... ai eu começava a ficar atrelada no campo religioso. Ai quando eu começava a namorar com outro, ele já me ligava, e dizia que sabia e tal, ai pronto, eu achava que ia dar tudo certo mas acabava não dando. Anos depois eu descobri que nos tínhamos uma amiga em comum que falava tudo pra ele. Esse campo religioso foi me consumindo, até que eu fui num centro de candomblé e disse, que quero me livrar desse homem... e fiz tudo o que possa imaginar, tomei banho de sangue de galinha na encruzilhada, fiz tudo isso e muito mais... porem, não adiantou, só resolveu problema quando cheguei no fundo do poço e minhas amigas me ajudaram...mas elas também eram do campo religioso, e foi ai que eu entrei no neodroidismo, fiquei seis anos praticando neodroidismo. Mas ai, eu decidi fazer mestrado, eu ia fazer na geografia, mas acabei indo pra religião, tanto que minha dissertação é sobre neodroidismo, porque eu queria provar o quanto essa religião era verdadeira, e eis que, eu descobri é a mesma porcaria, toda a estrutura filosófica, teológica, é a filosofia grega. Então é isso, não tenho mais religião, mas respeito todas. A religião influencia totalmente. Todas elas são castradoras. Castradoras da sua identidade, da sua individualidade. Mas, eu parto do principio que pode ter, e pode não ter. não quero que me prove nada, sabe, deixa eu morrer pra ver o que vai acontecer. Porque eu também posso duvidar da ciência. Não ponho em cheque, a existência e nem a inexistência. Mas o fato é, que pra mim, me distanciar da religião, me deixou muito mais livre. E talvez essa imposição minha tão enfática. Meu mestrado é sobre bruxaria moderna. Pra mim o mundo sem religião seria mais libertário, sem essas amarras. Porque pra você ser boa, não precisa ter nenhum campo religioso pra te falar o que tem que fazer, não precisa se martirizar pelo que você fez ou deixou de fazer. Então, eu fiquei bem mais, não cético, eu entendo perfeitamente que você precisa disso. Não vejo necessidade de ter uma religião pra mim.

O que gosta de fazer nas horas livres? Absolutamente nada. Eu deito aqui no chão, nas poucas horas livres que eu tenho, pelada, debaixo desse ventilador, assisto televisão, ouço musicas francesas pra treinar o meu Frances, nem ler, ultimamente eu to lendo. Mas tenho feito muita atividade física.

Planos? Doutorado, que já era pra fazer a um tempão... em antropologia. A antropologia me fez muitas questões, até mesmo a de não querer ter filhos.

Essa questão de não ter filhos, eu tenho percebido que a gente não ter filhos, pra eles implica em não gostar de criança, é muito doido isso. Pensam que eu como criancinhas com batatas. Com as minhas sobrinhas, eram tudo grudada comigo. Na infância principalmente, na adolescência não, mas ai na fase adulta já ficam de novo grudadas comigo.

Não quer dizer que eu não goste, não curta. Mas eu não quero desprender a minha vida, dar toda a minha vida, talvez esteja sendo egoísta, não sei, eu não estou preparada isso, dispor da minha vida total pra essa criança até o final da minha vida. Olha, em dois momentos eu fiquei apreensiva, até pensei em ficar grávida, mas ai depois eu não engravidei, e ai pensei ufa... e ai depois, e entra o campo religioso de novo, uma vidente tinha falado pra mim que eu tinha abortado do policial federal, mas ai eu pensei como, se ele tinha vasectomia, ai ela disse, tudo é possível... pensa no desespero que eu fiquei. Eu não fiquei desesperada pela criança, eu fiquei desesperada pela possibilidade da criança não tê-lo junto comigo. Mas nunca aconteceu... pra você ver que o campo religioso brincou o tempo todo comigo, desde criança, aquela que roubou o padre, eu namorei um padre também.

Algumas pessoas me falaram, quando você tiver quarenta você vai se arrepender de não ter tido filho, não me arrependi. E outra coisa que as pessoas falam, mas e quando você ficar velha... olha, meu pai tem oitenta anos e ta lá, se eu não tivesse mais irmãos, ele estaria lá sozinho... então... e assim, pra velhice, eu me preocupo no sentido de ter um pé de meia, e pegar um bom asilo. Pra mim é muito pratico. E penso na possibilidade de ir não ver.... eu acompanhei a minha mãe em um asilo, numa visita e eu via idoso lá que fazia seis meses que não recebia a visita dos filhos, eles simplesmente largavam eles lá. Gente, então ter filhos é um jogo, um jogo de azar.

Realização da mulher com a maternidade? Pra mim é mera reprodução cultural. Nós somos criadas especificamente pra sentir isso, e o homem não. E essa coisa, ah, esta dentro de mim. Eu sempre me senti incomodada em saber que algo ia crescer dentro de mim... um dia se eu ficar grávida eu vou ficar nove meses dentro do guarda-roupa, porque eu não acho mulher grávida bonita. Atribui-se uma carga muito seria pela mulher, acho que tem que ser algo bem compartilhada pelo pai. Tudo é culpa da mulher... é muito cultural isso.

Como os outros vêem sua opção? Me vêem como uma aberração, mesmo. Já me senti assim, agora não mais. Eu era muito agressiva com isso, eu tinha que ser agressiva para que as pessoas não retrucassem. Eu respondia, a mulher realiza-se quando ela goza duas vezes sem tirar e dentro, aí as pessoas tomavam um baque, aí como você é grossa, não você que está sendo grossa colocando uma coisa sua na minha. Eu não vejo essa necessidade, de me realizar como mulher ter essa condição. E essa coisa de gerar... então o que é ser mãe? É conceber o filho, ou cuidar daquilo. As vezes eu me acho mais mãe das minhas sobrinhas do que as próprias mães. Então mãe é só aquela que gera? Então são essas situações. Eu acho engraçado essas mulheres que fazem inseminação artificial, porque o que ela quer, se realizar como mãe... não pode adotar uma criança e ser mãe?! Ou será que a realização da barriga e tal, é dela ou do contexto externo? Essa construção social, é uma coisa exarcebada, o problema é jogado todo em cima da mãe. A única concepção do macho é fazer, depois é tudo por conta dela. Claro, num olhar biológico, a mulher foi preparada pra isso e ponto. Nossa função, perpetuar a espécie. Tanto que é o ápice de vocês mesmo. Porque o fogo no rabo pra ter filho é os vinte, vinte e dois anos, essa é a linha, e depois vem decaindo. Mas a construção feita em cima de tudo isso é muito mais séria. Eu não entendo, pegar o cachorro, vestir como filho, e não adotar uma criança. É uma coisa cultural, passa pelo consumo. Porque ser altruísta é pegar um da sua espécie e tira-lo do sofrimento. Então isso também é você querer dar a condição de mãe. E outra, é fácil você deixar o cachorrinho na casa do vizinho quando você vai viajar. E tanto é, que eu não tenho bicho nenhum, eu não quero ter essa preocupação de que se tá vivo ou morto... porque se o filho é meu, eu tenho que cuidar, não dá pra deixar na casa do outro.

A gente passa por aqueles períodos das cobranças, que quando você estudar, perguntam, quando vai namorar, e depois quando vai casar... é um processo natural da sociedade, hoje eu vejo assim, eu encaro com mais facilidade, isso era altamente perturbador há quarenta anos atrás, tanto pra quem assume essa posição, quanto pra quem tá de fora. Aos trinta e cinco, o pessoal parou um pouco de encher o saco. Eu era muito agressiva com isso, hoje eu até dou risada. Então essa agressividade acabou espantando vários outros relacionamentos. Uma vez uma mulher que faz aqueles mapas, ela me disse que eu tinha que ser dócil, amável, e aí os homens te percebem, mas aí eu pensei, puta que pariu, mas porque eu tenho que ser assim, do

jeito que eles querem? Não posso conhecer um que me conheça desse jeito, que me entenda e goste de mim desse jeito? Então cada vez que eu ia pro campo religioso, mas eu me desarticulava com as coisas. Então a minha defesa desse ponto, eu acabava mais agressiva. E foi passando a idade e fui ficando mais tranqüila. Mas o que eu não gosto na sociedade, é falar da tal enalhada. Não que eu esteja fechada pra novos relacionamentos, eu quero, mas assim, acho que tem que haver alguns compartilhamentos. E a questão da liberdade. Mas isso não quer dizer que não exista uns casos escondidos por ai que me satisfaça. Mas se aparecer alguém.... na minha adolescência, como eu não levava namorado pra família, essas coisas, muitos me rotulavam de homossexual, porque eu sempre estava junto com amigas, que hoje também estão solteiras, mas são mães. Isso me chateava, mas era uma leitura da época. O pessoal me vê de um jeito, mas sou de outro. Hoje eu sei que sou uma referencia. Então eu penso, se eu der uma bola fora, como vou ser uma referencia? E acho que esse é o meu papel como educadora, mostrar os possíveis caminhos que a vida tem. E talvez esse instinto maternal que temos embutido na questão da mulher, esteja na questão da educação, de eu adorar ser professora, eu ficava brava quando diziam que eu era mãezona, mas hoje eu acho que sou mãezona mesmo, porque eu puxo a orelha, brigo... então, talvez essa questão de maternidade, esteja resolvida nessas questões. Mas também eu não sei como seria... uma amiga diz que mudaria totalmente o meu conceito, falei, ótimo, mas eu não quis pagar pra ver.

Cecília, 23 anos.

Moro com minha irmã, há quatro meses. Estou em Juina tem um ano e nove meses, eu morava em Brasnorte, vim pra estudar. Após dois anos de curso, resolvi mudar pra cá. Porque fica mais fácil, porque eu vinha de ônibus todos os dias, e assim fica menos cansativo. Minha irmã veio de Aripuanã tem quatro meses, antes eu morava com uma colega, estuda junto comigo. Morar com a família a gente tem um pouco mais de liberdade e tal, mas a diferença é pouca. Só a questão da liberdade mesmo. Mas uma parte é boa, e outra ruim, porque aqui eu tenho meu cunhado. Sou solteira, não tenho filhos. No momento só estudo.

Religião? Sou da assembléia de Deus. Desde que eu nasci, a família também. Não concordo com todas as coisas né, porque a gente passa a ver o mundo de uma forma diferente, então cada um tem uma visão e tem coisas que pra mim hoje, não seria tão aceitável. São perguntas básicas, que as vezes a gente pergunta mas não tem resposta. Tem coisas que não da pra aceitar muito bem, mas a gente acaba relevando e permanecendo. maternidade nunca foi um tema muito falado, então não tem como saber se é relevante ou não. Mas tem algumas coisas que alguns membros falaram, é que o filho é herança do senhor. Mas nem todo mundo gosta de herança né. Tipo assim, é um tema que não assusta só as pessoas da igreja né, mas pesa um pouco mais por ser da igreja né. A igreja prega que é importante dar o seguimento da família né, ter filhos. Só que não existe pregação, palestras pra que seja necessário a reprodução de filhos. Então assim, não tem nada contra o uso de contraceptivos. Então não tem a questão de não cuidar. Então não pesa, essa questão de maternidade, de não ter, fica mais a opção. Mas a igreja mesmo contra, até hoje não vi, pode ser que tenha, mas eu não vi.

Horas livres? Gosto de ler, livros de adolescente, romances, desde os meus quinze, dezesseis anos eu leio bastante. Aqui em Juina eu quase não saio. Antes era do serviço pra casa, de casa faculdade e pra igreja. Mas agora como não estou trabalhando, ai eu fico só da faculdade pra casa, de casa pra igreja. Muito difícil pra mim ir pra outro canto, tanto que não tenho tantos amigos, só o pessoal da turma mesmo. E as vezes não estão disponíveis pra gente se encontrar e acabo saindo pouco de casa.

Em casa é tranqüilo... eu que sou as vezes atrapalhada. Porque as vezes as minhas idéias não combinam com as idéias da família. O que eu penso e o que eu acredito que é, pra eles não é. Então eu acabo sendo eu, uma pessoa dentro da família que vê de forma diferente, acredita de forma diferente, então fica tipo, um monstro de sete cabeças. Então, as vezes acaba entrando em contradição as idéias e tal. Uma delas é que minha mãe ficou bem assustada, foi a maternidade. Eu falei pra ela que não queria ter filho, então foi uma coisa que chocou bastante, e também a questão de sair de casa sem ser casada. Isso realmente é uma coisa que na Igreja pesa bastante. Porque a religião, principalmente a Assembléia de Deus, ela prega bastante que, a moça, principalmente só sai de casa casada, e o rapaz não é tão importante, mas a moça é essencial. E meu irmão já tinha saído de casa

praticamente um ano, e não houve nenhuma revolta com isso, e aí quando eu saí de casa, veio aquela contradição de idéias, aquela revolução enorme porque onde já se viu uma moça sair de casa sem estar casada, e aí tem todo aquele problema, e a minha idéia é totalmente diferente, na questão da liberdade da mulher, de que ela tem os mesmos direitos que o homem, e ainda na minha família, principalmente meu pai, eles não acreditam assim. Eles acreditam que a mulher tem o seu espaço reservado, tem o seu limite e o homem tem um pouco mais de liberdade. Então assim, é o que mais entra em contradição e me choca. Desde que eu me entendo por gente eu acredito que o homem não deve ter direitos diferentes da mulher. Porque assim, eu e meu irmão temos uma diferença de dois anos, ele é mais novo, então acho que desde quando ele nasceu em mim gerou um ciúme, que é natural, e como na fase da infância, muita coisa que eu não tive ele tinha, então gerou um certo ciúme, porque ele tem e eu não tenho, e acho que isso de uma forma inconsciente foi passando, e hoje tá aqui. Então assim, as liberdades que ele tinha minha mãe não me dava, aí falava pra ela, mas como assim, ele é mais novo que eu... então o que mais pesa até hoje é a questão da liberdade da mulher. Então assim, eles tem o conceito se a mulher sai de casa sem ser casada a mulher sai fora da cidade, lá na frente vira uma mulher da vida, esse é o conceito geral da situação. Aí depois eu falei que não queria ser mãe, ela levou aquele susto e depois não sei, acho que ela pensa que isso é só uma idéia, ou uma fase que depois vai ser como as outras né. E foi também uma questão que eu nunca quis é ser como minhas irmãs, porque elas casaram novas e tiveram filhos e hoje são mães e se ocupam da casa, se ocupam da família, então assim, eu sempre quis ser diferente, então eu nunca quis seguir esse ciclo, casar nova, cuidar de filhos, cuidar da casa. Então assim, eu já quebrei esse ciclo, só o fato de ter ido pra faculdade, estar concluindo meu curso e desenvolvendo algo diferente, e não ter essa vontade de ter filho, já quebrou totalmente, e pra eles é bem difícil de aceitar essa nova opinião.

Antes eu sentia muita revolta muita raiva, porque assim, a minha opinião nunca era levada em consideração, agora hoje eu acho que já não me importo mais. A minha irmã fala assim, ah, você vem perguntar as coisas pra gente mas você já tem uma opinião formada. É porque assim, quando eu quero, eu quero, vou lá e bato em cima, e quando não quero, eu não quero e ponto. Antes, quando eu estava dentro de casa eu tinha uma idéia, sempre fui assim, quero eu quero, não quero, não

quero, só que eu tinha uma visão e depois que sai de casa eu mudei totalmente. Então quando mudou minha visão eu percebi que não importa a opinião dos outros, o importante é o que eu quero né. Então passei a não dar tanto valor a essas opinião que não me ferem, não me impedem a realizar isso, pra mim é indiferente, hoje né. Mas já passei pela fase de revolta, de ficar triste pelos cantos, porque ninguém aceitava a minha idéia, e hoje já esta mais calmo.

Planos? Inicialmente quero passar num concurso, e depois tentar marinha ou aeronáutica. São meus objetivos, mas não sei se vai ser real ou não. Mas assim, hoje eu não tenho uma área que eu quero trabalhar. E sei que o concurso a gente vai pra onde der. Na questão pessoal eu não sei, porque não tem como prevê meu futuro. Mas eu pretendo me casar, formar um futuro tranquilo com a pessoa, só que filhos acho que não é uma necessidade, no meu futuro. Mas eu não sei como vai ser o dia de amanhã pra dizer que não vai existir. Eu posso olhar pro passado e dizer que não existiu, mas pro futuro não tem como. Mas certeza absoluta que hoje eu não quero. Nos meus planos é não ter, mas não sei como vai ser amanhã.

Antes, quando eu tinha meus quatorze anos, eu tinha outra visão, achava que a vida realmente era essa, a gente nascia, crescia, casava, tinha filhos e voltava o ciclo de novo, como a gente via na igreja isso, direto. Sempre tive na minha cabeça que eu queria fazer faculdade, mas eu não sabia do que e como, mas queria fazer. E ai chegou os meus vinte, e ainda não tinha começado a faculdade, e eu cheguei do serviço cansada e tinha que ir na igreja naquele dia, e estava muito cansada, e cheguei em casa e minha mãe disse, olha o João, o meu sobrinho, esta ai pra você dar banho, arrumar e levar pra igreja, e fiquei brava porque a responsabilidade não era minha, mas fui, arrumei ele e fui me arrumar, e quando terminei de me arrumar ele estava deitado na cama dormindo, e aquilo me deu uma raiva tão grande, porque eu tinha chegado cansada e tinha tirado aquele meu tempo pra cuidar da criança, e eu tinha que ir na igreja porque eu tinha uma obrigação naquele dia que não podia faltar, e ai eu tive que ficar em casa né, porque ele estava dormindo. Eu vejo aquele dia como um marco em que eu parei e pensei, eu cheguei cansada, não estou agüentando comigo e ainda cuidar de criança, é filho da minha irmã, então quando eu cansar, se vira o filho é seu, mas quando for meu, eu não posso fazer isso. Então, começou a chorar, passou a noite inteira chorando, to cansada vou dar pra quem? Não tem, porque eu sou a mãe. E ai acabou a paixão pra ter filhos, porque a

concepção que eu tinha antes, a concepção que eu tinha antes, por mais trabalho que desse, era sempre gratificante, só que aí, eu descobri que a gratificação vem, mas não da forma que a gente espera, e aquilo ali começou a fortalecer essa idéia. E quando eu falo para as pessoas, ah, eu não quero ter filho, eles olham nossa, um bicho que sete cabeças, um absurdo, onde já se viu, porque a mulher já tem o instinto, e a mulher não nasce com instinto pra ser mãe, sei lá, a mulher não nasce mãe, então como ela nasce com instinto. Então as pessoas que eu falei que não quero ter filhos, apesar que a maior parte é da igreja, então acaba tendo uma influencia da religião nas respostas, mas eles falam que filhos é uma benção, porque Deus deixou na bíblia que tem que procriar, manter a família, aquela lorota toda, só que eu não concordo tudo, então eu rebato, coloco minhas opiniões só que não são bem aceitas, porque acreditam que a mulher nasceu pra ser mãe. E tem a questão, eles falam ah, você fica aí dizendo que não quer, e fulano de tal quer tanto um filho, mas não pode. Me perguntaram assim, se você tivesse que tirar o útero hoje, como se sentiria, você acha que seria tão firme e feliz na sua decisão? Aí eu disse, não sei, porque hoje eu estou decidindo que não quero ter um filho, mas se fosse tirado o útero eu não teria decisão, então quando eu não tenho decisão, é diferente. A minha resposta talvez seria diferente, porque eu não tomei decisão e foi uma questão que mudou e não tenho opções, apenas uma opção, não ter. então nesse caso o poder de decisão não está nas minhas mãos. Mas em geral, as pessoas falam, você ficou maluca, outras dizem, mas você ainda é muito jovem pra decidir. Mas as pessoas não percebem que pra mim hoje é muito, muito real. Eu acho irresponsabilidade de um casal que tem um ano, dois anos que estão juntos engravidar, porque a criança chega, a criança muda tudo. Eu não sei se é porque eu não tenho... acabou a vontade de ser mãe, eu já criei essa barreira. Se antes você fazia tudo o que queria, agora não pode. Então no relacionamento muda tudo, tem que ter compreensão de ambas as partes, tem casal que não resiste, e quando não sobrevive a criança vai pra onde... então a criança sofre. Não tô falando que a culpa é da criança. Mas a estrutura mudou, era um casal e agora três pessoas.

Quando eu fui gerada eu não pedi pra nascer, ninguém me perguntou. Mas, hoje eu tenho o poder de decisão. Eu quero trazer uma pessoa no mundo pra fazer as mesmas perguntas que eu faço e viver do mesmo jeito que eu vivo? Ah, mas ela não

vai ser igual a você... mas a gente passa os sentimentos da gente pra essa criança. Então eu hoje, tenho o poder de decisão.

Pra mim hoje, não influencia em nada, não muda meus sentimentos o que as pessoas dizem. No início sim. Essa vontade de não ser mãe foi morrendo aos poucos, não foi um dia que acordei e decidi. Então assim, até eu formar uma opinião e tornar pra mim o correto, ainda abala, a partir do momento que se tornou uma decisão sólida, já não me afeta mais. Eu posso sofrer com algum comentário, mas não muda a minha decisão. Independente do outro, é o meu corpo, sou eu quem vai gestar essa criança, então é eu quem tem que saber se quero ou não. Teve gente que falou pra mim, você vai casar, e tem que casar com uma pessoa que não quer filhos. Só que aí eu não sei como vou reagir. Eu creio que a minha decisão vai ser passada, mas o futuro eu não sei. Essa pessoa vai casar sabendo que a minha decisão vai ser essa, de não ter filhos. Então a pessoa não vai entrar num barco sem saber as minhas opiniões. Mas a forma de conviver, reagir eu não sei.

Eu acho que essa questão de maternidade é mais cultural, do que realmente desejo. Porque desde que a gente é gerado, o conceito vem criando, porque quando nasce, é só roupa rosa, sapato rosa, tudo rosa. Aí completa uma certa idade, os brinquedos são bonecas e casinhas. Então já vai colocando o conceito de que temos que cuidar, manter aquilo em ordem, servir a casa, os filhos. Mas a gente não deixa de fantasiar né. A mulher cresce com o conceito de que tem que ser mãe. E aí dizem que tudo vai compensar. Mas não falam da parte que você passa noites insuportáveis, que você vai ter que dar conta da casa, marido e filhos, além de trabalhar fora. Vai ter noites que você tá com vontade de esganar a criança porque está te fazendo raiva desde a hora que você acordou até a hora que está saindo. Então são coisas que não são passadas, só a parte compensatória que tudo vale a pena. Nem todas as mulheres amam incondicionalmente. Não amam a si própria quem dirá o outro. Eu acredito que além de ser imposta, não há preparo da mulher em ser mãe.

APÊNDICE D - Modelo de tabela para análise dos dados

	GÊNERO	COMO ELA VÊ A MATERNIDADE	COMO AS OUTRAS PESSOAS (FAMÍLIA, AMIGOS, IGREJA ETC) VÊEM A MATERNIDADE	COMO SE SENTE
VITÓRIA				
EMANUELA				
ANA LAURA				
JOANA				
CECÍLIA				

